A CENA MUDA

Nº 14 ★ 7-4-54
Cr$ 4,00 em todo
o Brasil

2



NÊSTE NÚMERO:

Gregory Peck já foi agregoador de circo!

«Pin-ups» de Paris

Reportagem direta de Hollywood, com Mary Blanchard

O cinema e a dança

Joan Crawford analisada em grande reportagem

Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 33 Cr$ 150.00 — 34 a 40 Cr$ 195,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marrom). Saltos de Borracha.

110 **Até** 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, C/ Saltos de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos e rapazes, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

É **insinuante**

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG

À CENA MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

CENA nº 14, de 7/4/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

Os melhores filmes de todos os tempos 4
Gregory Peck já foi «camelot» 6
As cotações dos leitores da CENA 7
Os grandes vultos da atualidade 10
Não desejo casar 14
«Pin-ups» de Paris 22

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-estréia: «O manto sagrado» 3
Curiosidades da tela 8
Curiosidades e «close-ups» ... 9
Cinema brasileiro 16
Novela das imagens: «Julieta» 18
80 pré-estréias 24
«Ballet»: cinema e dança 26
Cartazes em revista 28
Teatro-Música 30
De todo o Mundo 31
Rádio-Disco-Novidades 32

A NOSSA CAPA

GREGORY PECK
(Paramount)

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatura anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00



3 — O MANTO SAGRADO

APRESENTADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA

CINEMASCOPE

O «Cinemascope» é um processo que tem diversos méritos e também os seus defeitos. Por um lado, favorece o espectador com o aumento do campo visual e pelo emprêgo do som estereofônico. São duas inovações de valor que resultam em maior domínio sôbre a imagem, cansando menos durante o tempo normal de projeção e favorecendo melhor perspectiva (e não relêvo, pois isto não há nenhum). Enunciadas as qualidades, passemos aos defeitos. A fim de melhor obter os resultados acima, tanto do som estereofônico quanto da amplitude do quadro, busca a técnica do «Cinemascope» uma linguagem mais vinculada ao palco. Perde o cinema algo da sua naturalidade e movimentação e sente-se, freqüentemente, marcações do tipo teatro. Depois, devido à sua técnica, o processo restringe muito o uso do corte — pelo menos isto ocorreu nos dois filmes a que assistimos — além do atual, vimos «Como agarrar um milionário» — perdendo também o ritmo geral com isto. É possível que, passados os primeiros experimentos e exageros, procurem os responsáveis aplainar êstes senões. Conforme já tivemos oportunidade de tornar conhecido o nosso ponto de vista — quando da recente crítica de «Museu de cêra» — o verdadeiro cinema do futuro estará na junção dos efeitos da «3-D» com o «Cinemascope». Aí, sim, teremos um espetáculo de grandeza, algo de revolucionário, capaz de agitar definitivamente o mundo do cinema.

«O manto sagrado» é um filme que se apresenta, de início, prejudicado com a anterior apresentação de uma série de outros filmes em tôrno do mesmo gênero. A novela de Lloyd C. Douglas é um «best-seller» popular aproveitando motivos de Sienckiewicz e de vários outros autores. Os fatos são diferentes mas tanto os aspectos íntimos quanto a grandiosidade de certas situações são precisamente iguais. Isto não significa que «O manto sagrado» deixe de ter os seus momentos de beleza. Êles existem, esparsos, mas aparecem. Entretanto, essas lembranças não crescem nem se agitam suficientemente. Certas vêzes é por demais parecido com «Quo Vadis» — que, por sinal, maltratou muito o livro original — e de tantos outros filmes, neste interminável «ciclo» da antiga Roma ou de motivos bíblicos, que Hollywood estende a mais não poder. Em outras ocasiões, é o próprio ritmo impôsto ao roteiro — lento na sua própria estrutura e agravado pelos defeitos apontados acima, na técnica de filmagem do «Cinemascope». Daí resulta que, mesmo com certas passagens que transmitem algo de bom — o crescente remorso de Marcelo Galio, por exemplo — o filme revela um aspecto conjunto com certa lentidão que impede melhor julgamento. Com tudo isto, ainda é razoável espetáculo a que se assiste com interêsse : a novidade do «Cinemascope» e alguns bons desempenhos. Richard Burton, ator inglês, tem o principal papel, o de Marcelo, e revela-se bom ator. Jean Simmons, essa visão de arte e de suave encanto, valoriza as poucas seqüências em que figura. Victor Mature, mais controlado pela direção de Henry Koster (que tem o seu domínio sôbre o ator) apareceu melhor. Bem escolhidos os atores coadjuvantes, com Jay Robinson esplêndido como Calígula e Michel Rennie satisfatório na parte de Pedro. Dean Jagger (Justo), Torin Thatcher (Galio), Richar Boone (Pilatos), a delicada Betta St. John (Mirian), Jeff Morrow (Paulo) e outros completam o elenco. O «technicolor» é bem louvável. Música funcional.

JONALD

OS MELHORES FILMES DE



De JONALD, exclusivo para A CENA

O retôrno ao passado é uma grata emoção ao espírito. Para uns, são acontecimentos desconhecidos. Para outros, lembranças tênues ou vagas. Em matéria de arte, e particularmente o cinema, as reminiscências sempre têm interêsse. No presente caso, a escolha recaiu em histórica fase de transição. O despedir da poética fase do cinema silencioso e o nascimento de uma outra, a falada. Entretanto, êste retrospecto avançará sempre, em direção aos nossos dias. Repassará, em caráter sintético, as grandes obras da tela. Avivará sensações, fortuitas ou permanentes. Irá de encontro às novas gerações, evocando as primeiras imagens de valor que cada um guardou na sua infância. Sensações e choques emotivos de tôda a ordem. Ao mesmo tempo, ficará um pensamento sôbre uma mensagem ao espírito ou uma angustiosa lembrança de «suspense», uma alegria bem vivida ou, ainda, um lembrete em tôrno da evolução dos sentimentos humanos.

A fim de que esta idéia seja melhor cumprida êste relato fixará os filmes exibidos em nosso país, através dos respectivos anos e com os títulos em português. O propósito, além de uma pequena incursão histórica, em volta dos grandes filmes, é reavivar o que se passou em função do nosso próprio país. Portanto, uma reverência ao passado a fim de melhor assimilar o presente.

EM S. PAULO, A PRIMEIRA EXIBIÇÃO FALADA

Foi em abril de 1929 que teve lugar a primeira exibição do cinema falado no Brasil. Coube esta glória ao Cine Paramount, de São Paulo. Foi instalado um aparelho «Vitaphone» a fim de que fôssem ouvidas apenas algumas seqüências faladas. O filme, que assinalou êste importante fato artístico-histórico para o país, foi «Alta traição», com Emil Jannings.

Em agôsto do mesmo ano foi o mesmo aparelho instalado no Cine Palácio, no Rio de Janeiro. E o celulóide que inaugurou, na capital da República, a era dos «talkies» foi «Broadway Melody». Dado o relativo atraso com que a inovação foi introduzida no Brasil, houve, então, um grande «clíclo» de filmes musicais em telas cariocas.

OBRAS MÁXIMAS, DOS CINES FALADO E SILENCIOSO, NO RIO

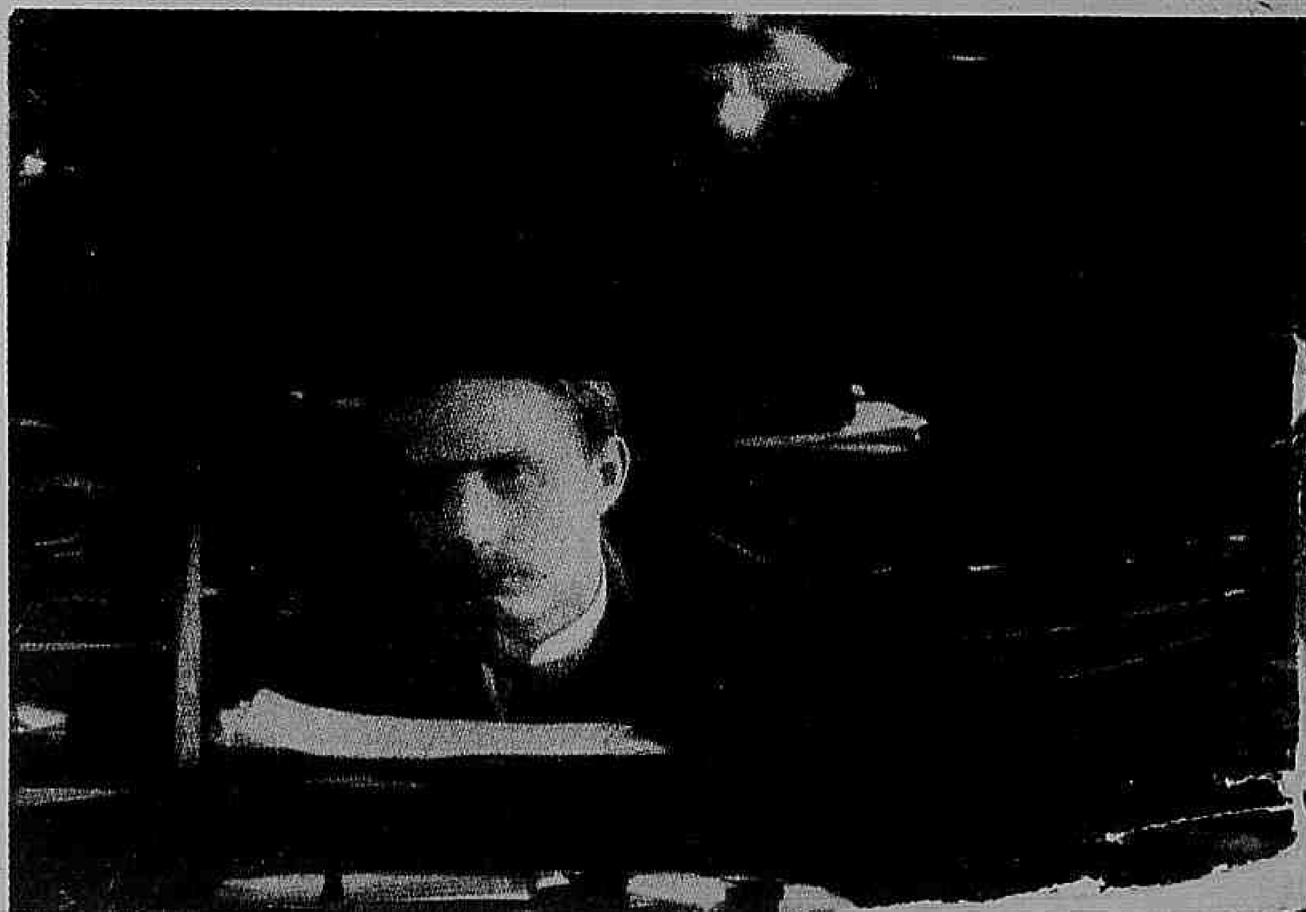
Nos primeiros anos dos «talkies», necessário se torna subdividir os filmes em sonoros e silenciosos. Muitas películas eram apresentadas apenas com trechos falados; outras, tão sòmente com música, gravada em discos, etc. Sòmente assim será possível uma visão da época. Cumpre notar que o ocaso

Emil Jannings (Tzar Paulo, da Rússia) e Lewis Stone (Conde Pahlen), no imortal filme de Lubitsch: «Alta traição».

Betty Compson e George Bancroft em «Docas de Nova York», de Von Sternberg, que figura entre os melhores falados de 1930



Wolfgang Zelzer na versão silenciosa de «Teresa Raquin», de Zola, dirigida por Jacques Feyder



TODOS OS TEMPOS



do cinema silencioso, no Rio, se fêz notar com algumas das mais preciosas obras do cinema, tornando, assim, de mais interêsse a reviviscência.

SONOROS

1º — «ALTA TRAIÇÃO» («The Patriot», Paramount). Excepcional realização, sob qualquer ponto de vista. A vida do Tzar Paulo I, da Rússia, proporcionando magistral desempenho de Emil Jannings, um dos grandes característicos de todos os tempos. Lewis Stone viveu o papel do Conde Pahlen e Florence Vidor a espôsa do Tzar. Ernest Lubitsch, um dos maiores cineastas das duas fases da tela, foi o orientador.

2º — «ANJO PECADOR» («Shopworn Angel», Paramount), com Gary Cooper, Nancy Carroll e Paul Lukas, direção de Richard Wallace; «A DIVINA DAMA» (First), com Corine Griffith, direção de William Seiter. Êste mesmo assunto seria refilmado, mais adiante, pelo cinema inglês («Lady Hamilton», com Vivien Leigh); «ENQUANTO A CIDADE DORME» (Metro), com Lon Chaney e Anita Page, direção de Jack Conway; «GARÔTAS MODERNAS», com Joan Crawford e Nils Asher, direção de Harry Beaumont.

SILENCIOSOS

1º — «O MARTÍRIO DE JOANNA D'ARC» («La passion de Jeanne D'Arc», França). Uma das obras imortais do cinema que, aliás, por várias vêzes tem sido reapresentada no Rio e S. Paulo, em exibições culturais. A genial Falconetti mostrou um dos mais perfeitos desempenhos da tela. Ao seu lado, através da direção de Carl Dreyer: M. Silvain e Antonin Jacques.

2º —«A MARCHA NUPCIAL» («The Wedding March»; Paramount). Sua oportuna reapresentação, no Festival Internacional de S. Paulo, serviu para comprovar tanto os méritos do grande diretor Von Strohein quanto o sentido mórbido da sua obra. Com Strohein, Fay Wray, Zuzu Pits e George Fawcett; «TERESA RAQUIN» (França), um grande filme de Jacques Feyder, com Gina Manes e Wolfang Zelzer; «A MARAVILHOSA MENTIRA DE NINA PETRONA» (Alemanha), de Hans Schwartz, com Brigitte Helm; «AURORA» (Fox), de Murnau, com Janet Gaynor e George O'Brien; « MARTINI COCK-TAIL » (França), com Jocelyn Lee e Albert Ghram, dirigidos pelo genial Abbadie D'Arrast, o único cineasta cujo estilo se aproximou do de Lubitsch; «DOCAS DE NOVA YORK», de Joseph Von Sternberg, com Betty Compson, George Bancroft e Olga Baclanova.

(Continua no próximo número)

Obra antológica, imortal para a história do cinema, «O martírio de Joana D'Arc», com a gloriosa figura de Falconetti, foi o grande filme silencioso de 1930

Zazu Pits e Eric Von Stroheim em um dos trechos culminantes de «A marcha nupcial» um dos maiores filmes do cineasta germânico.





Na deliciosa sequência do banho forçado de «A princesa e o plebeu», com Audrey Totter, que acaba de vencer o prêmio máximo da Academia de Hollywood.

com que abandonasse o remo e restringisse os exercícios físicos.

Foi, assim, através de minucioso preparo, que passou, depois, ao curso do famoso Teatro Baxter, na Virgínia. Passou a integrar um dos elencos, que corria o interior, representando apenas em «pontas». Certa vez, registrou-se um clássico episódio, que o cinema tantas vêzes aproveitou: o «astro» que enferma e, assim, mesmo sem saber o papel, conseguiu aproveitar a «chance».

Porém, estava predestinado a ir adiante. Certa noite, o marido da célebre Katherine Cornell, que, por diletantismo, procurava descobrir talentos, agradou-se da sua atuação ao presenciar um espetáculo e o contratou para modestíssimos papéis. Na sua estréia, tudo o que dizia não passava de quatro linhas. Mas, afinal, era o caminho da Broadway. Sim, porque, de início, êle participou de «tournées»

(Cont. na pág. 34)

GREGORY PECK JÁ FOI "CAMELOT" DE CIRCO!

E ESTUDOU "BALLET" PARA FICAR ELEGANTE

De OSWALDO DE OLIVEIRA (exclusivo para A CENA)

INÚMERAS carreiras fornecem ensinamentos. A de Gregory Peck está incluída nesta regra geral. Não se pode dizer que foi um caso de vocação artística porque isto não corresponderia à verdade. Ao contrário, quase desanimou quando teve a primeira oportunidade no palco. Êle próprio confessa que foi um desastre a sua atuação em uma peça levada em caráter experimental, «Moby Dick» («arranjo» do famoso original, duas vêzes filmado no cinema). Isto aconteceu na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Entretanto, ao ouvir falar de uma instituição de ensino, de importância, não julguem ter sido fácil a trajetória de Gregory. Muito ao contrário.

A primeira vez que tentou entrar na Universidade acima, foi solenemente reprovado! Faltando recursos, teve de ganhar a vida de qualquer maneira. De início, passou a ser chofer de caminhão-tanque. Depois, zelador de um edifício de apartamentos! Mais tarde, durante dois meses, foi vigia de automóveis. Nesta função, era auxiliado por mais dois colegas. Foi através disto que, com persistência, conseguiu a ambicionada aprovação na Universidade. Ao lado do amor aos livros foi seguindo uma predileção da infância — paixão por barcos — remador da Universidade. Continuavam, entretanto, as dificuldades financeiras.

Foi, assim, que teve de aceitar um emprêgo de «camelot» em um «circo-feira». O seu encargo era apregoar as «maravilhas» de uma pretensa «montanha-russa». Segundo êle próprio contou, a uma publicação americana, ficou rouco de tanto gritar a seguinte frase:

— «Uma emoção em cada segundo, em cada minuto»!

Por incrível que pareça foi, a seguir, «cicerone» de turistas. Gregory foi forçado a usar um uniforme negro, com um gorrinho vermelho vivo! Em meio dessa autêntica galeria de empregos não se esquecia da sua afinidade para com o teatro. Com todo o desastre da sua primitiva estréia, decidiu-se por bases mais exatas: uma Escola Dramática.

Foi muito auxiliado pela atual e famosa bailarina Martha Graham que foi muito sua amiga. Contou a «estrêla» do «ballet», em um órgão especializado desta outra arte, que a elegância de Gregory deve-se aos exercícios de «balet» que, por orientação da escola, foi forçado a praticar. Além disso, Martha fêz com que, ao lado da dança (tudo por questões estéticas, e não para estudo da arte) práticas de ginástica rítmica. Ao lado dos aprendizados teóricos de teatro, a escola partia de um princípio certo: o domínio completo do corpo, a fim de auxiliar o espírito.

Em meio da intensidade dêsses exercícios, sofreu um acidente, que resultou em pequena lesão na espinha. Isto fêz



Até mesmo nos «westerns» tem obtido êxito. Eí-lo na sua caracterização de um dos célebres pistoleiros americanos.

AS COTAÇÕES DOS LEITORES DE "A CENA"

UMA ORIGINAL «ENQUÊTE» ★ SERÃO SORTEADOS CINCO PRÊMIOS ENTRE OS VOTANTES ★ ENVIEM AS SUAS OPINIÕES! ★ DELAS DEPENDERÁ O AUMENTO E A CRIAÇÃO DE NOVAS SEÇÕES.

INDISPENSAVEL se torna que exista um intercâmbio entre uma publicação e os seus leitores. Se êstes elegem uma revista para sua leitura é justo que, por sua vez, a organização corresponda, ao máximo, ao interêsse e apoio dos mesmos. Conforme os próprios leitores têm feito a gentileza de manifestar através de cartas e de tôda a sorte de meios de comunicação, os esforços desenvolvidos, no corrente ano, para a melhoria geral de A CENA têm sido plenamente reconhecidos. Atendendo a estas mesmas demonstrações de apoio é desejo da atual orientação de A CENA melhorá-la cada vez mais. Para isto se faz necessário, então, um amplexo mais exato: necessário se torna que os leitores façam a grande gentileza de julgar, mais diretamente, as várias seções introduzidas, as reportagens, etc., bem como tragam as suas preciosas sugestões em tôrno de outros temas que, por ventura, desejariam ver tratados em A CENA.

Para isto, idealizamos um processo muito simples. Assim como uma revista tem as suas cotações artísticas é justo, também, que os próprios leitores manifestem a sua vontade através dos mesmos processos. Certamente, isto facilitará que, apurado o conjunto, as opiniões da maioria sejam prontamente atendidas.

Assim, pedimos a imensa bondade de os leitores preencher em o quadro ao lado, julgando, não apenas as seções que vêm sendo publicadas, há tempos, bem como outras, de inauguração muito recente, conforme no presente número (páginas 4 e 5, «Os melhores de todos os tempos»; 6 e 7, «A nossa capa», etc.) além das indispensáveis sugestões.

Para maior interêsse da «enquête» faremos sortear, entre os votantes, cinco lembranças que constarão de luxuosos álbuns, editados pela «Elite», de São Paulo, em papel «couchê», com fotografias dos filmes exibidos no Festival Internacional de São Paulo.

A proporção que os votos forem chegando, serão os mesmos numerados, por ordem. Publicaremos uma lista dos votantes, com os respectivos números e, nesta mesma data, anunciaremos a data em que serão sorteadas as lembranças acima, sorteio êste que se processará com os finais da Loteria Federal.

A fim de que os votos dos leitores dos Estados possam vir a ser computados, aguardaremos o suficiente tempo da resposta, mesmo para os mais distantes pontos.

A todos os agradecimentos, não apenas pelas manifestações de incentivo enviadas bem como, antecipadamente, pelo envio das cotações ao lado. No próprio interêsse também dos que cultivam o cinema, bem como das diversas outras artes, tratadas nesta revista, rogamos a especial fineza de sermos atendidos neste apêlo. Tanto mais porque, tomando em consideração o resultado desta «enquête», as seções poderão vir a ser aumentadas, diminuídas ou, de acôrdo com os pedidos, novas criações serão lançadas.

JULGAMENTO DAS SEÇÕES PERMANENTES

(DE 1 A 5 PONTOS)

	Cotações
PRÉ-ESTRÉIAS (3 e 24/25)	________
OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS (4/5) ..	________
A NOSSA CAPA (6/7)	________
SEGREDOS DA TELA (8)	________
CURIOSIDADES E «CLOSE-UPS» (9)	________
CINEMA BRASILEIRO (16/17)	________
NOVELA DAS IMAGENS (18/21)	________
O CINEMA E A DANÇA (26/27)	________
CARTAZES EM REVISTA (28/29)	________
TEATRO (30)	________
DE TODO O MUNDO (31)	________
RÁDIO (32)	________
DISCOS (32)	________
PÁGINA DO LEITOR (33)	________

JULGAMENTO DAS REPORTAGENS, CRÔNICAS, ETC.

Opinião sôbre as reportagens do Festival, em São Paulo ....

....

Entre as reportagens publicadas no presente ano, qual a que mais o agradou? ....

....

Entre os trabalhos, crônicas, etc., qual o que mais o satisfez? ....

....

Que gênero de reportagem prefere? ....

....

Sugestões ....

....

Nome ....

....

Endereço completo ....

....

Estado, cidade ou Município ....

....

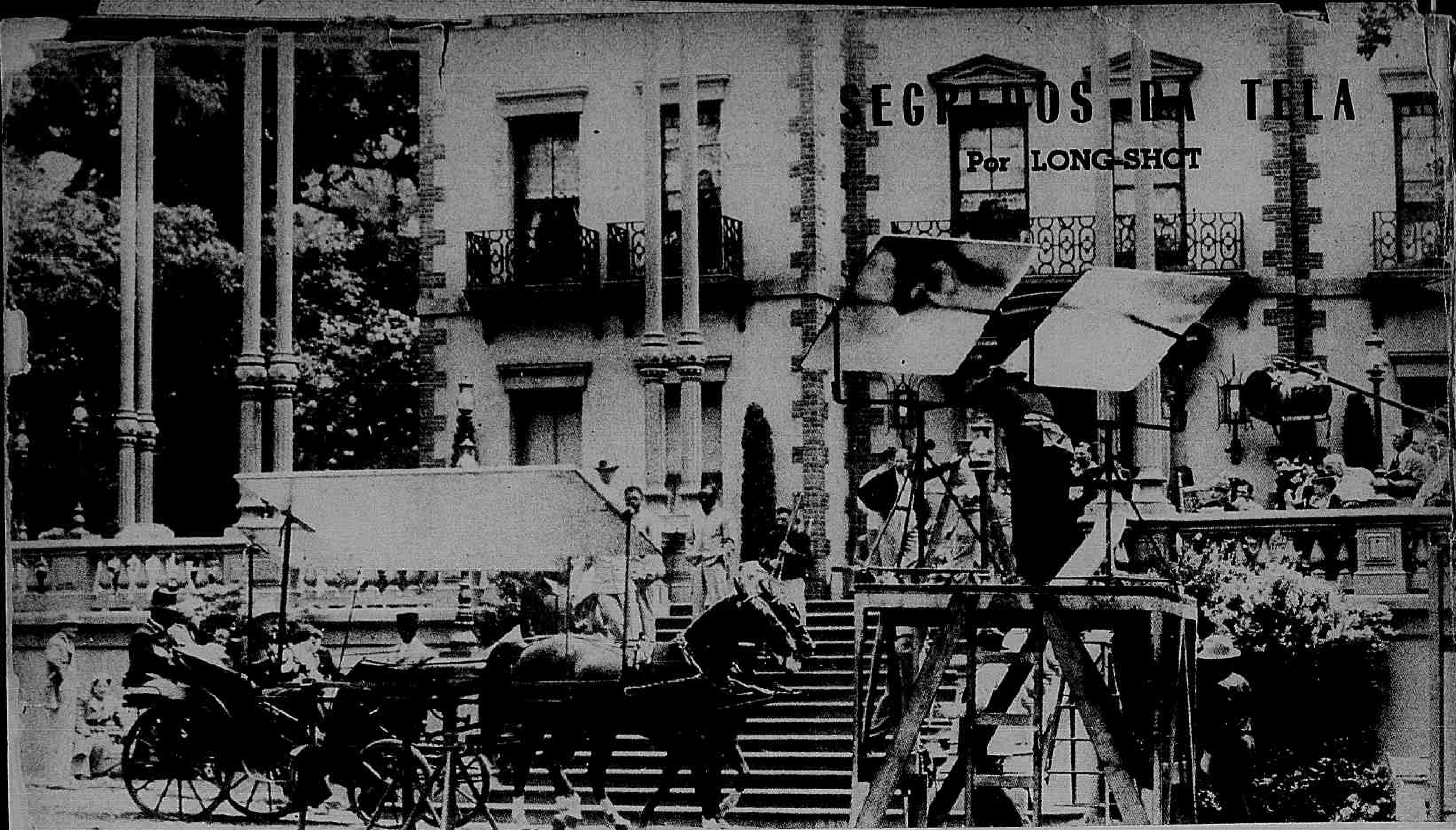
NOTA: As sugestões também poderão ser enviadas em fôlha à parte.

A biografia de Gregory, é pródiga de ensinamentos. Eilo, com Ava Gardner, em «As neves do Killimanjaro», da Fox.



SEGREDOS DA TELA

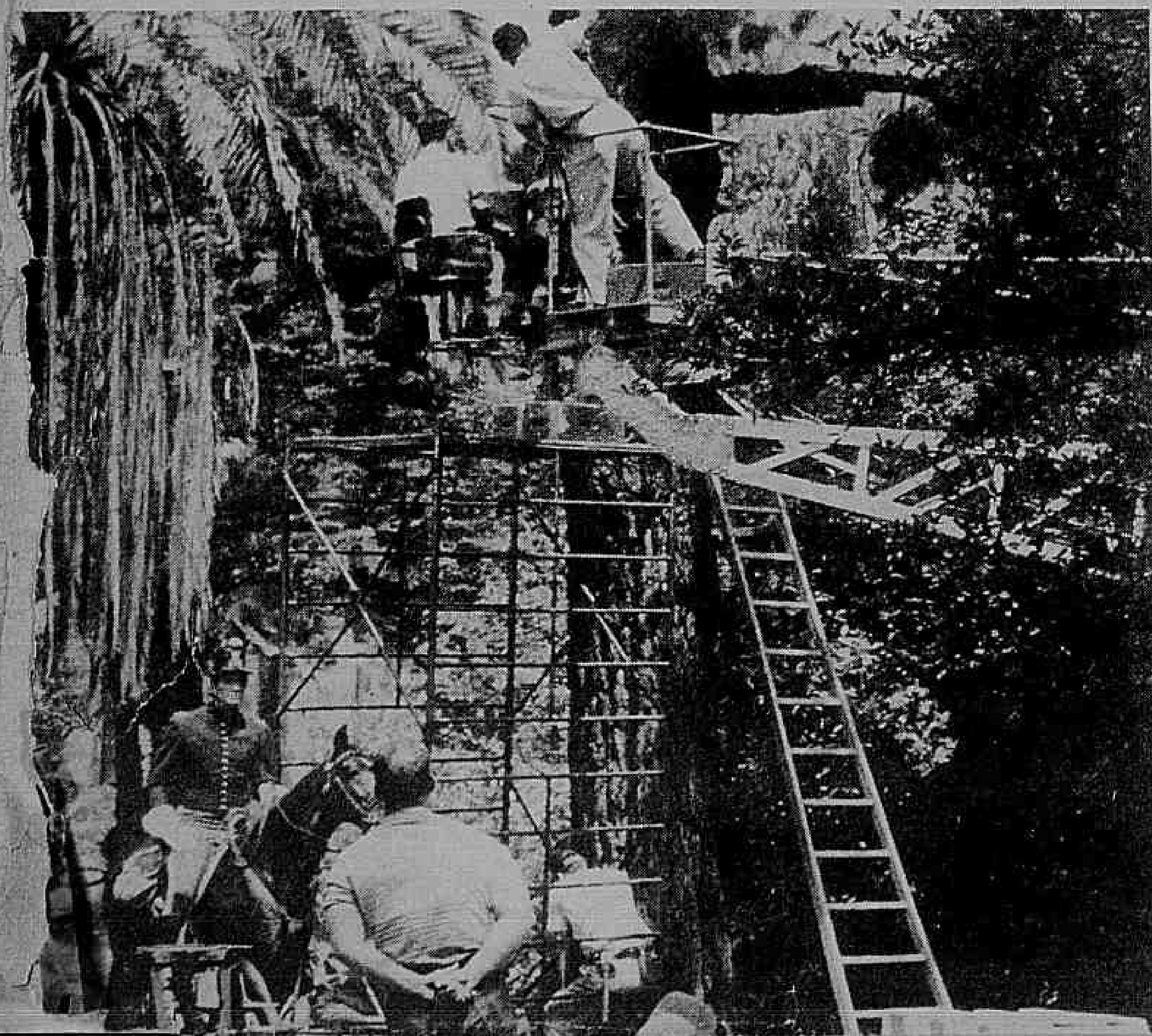
Por LONG-SHOT

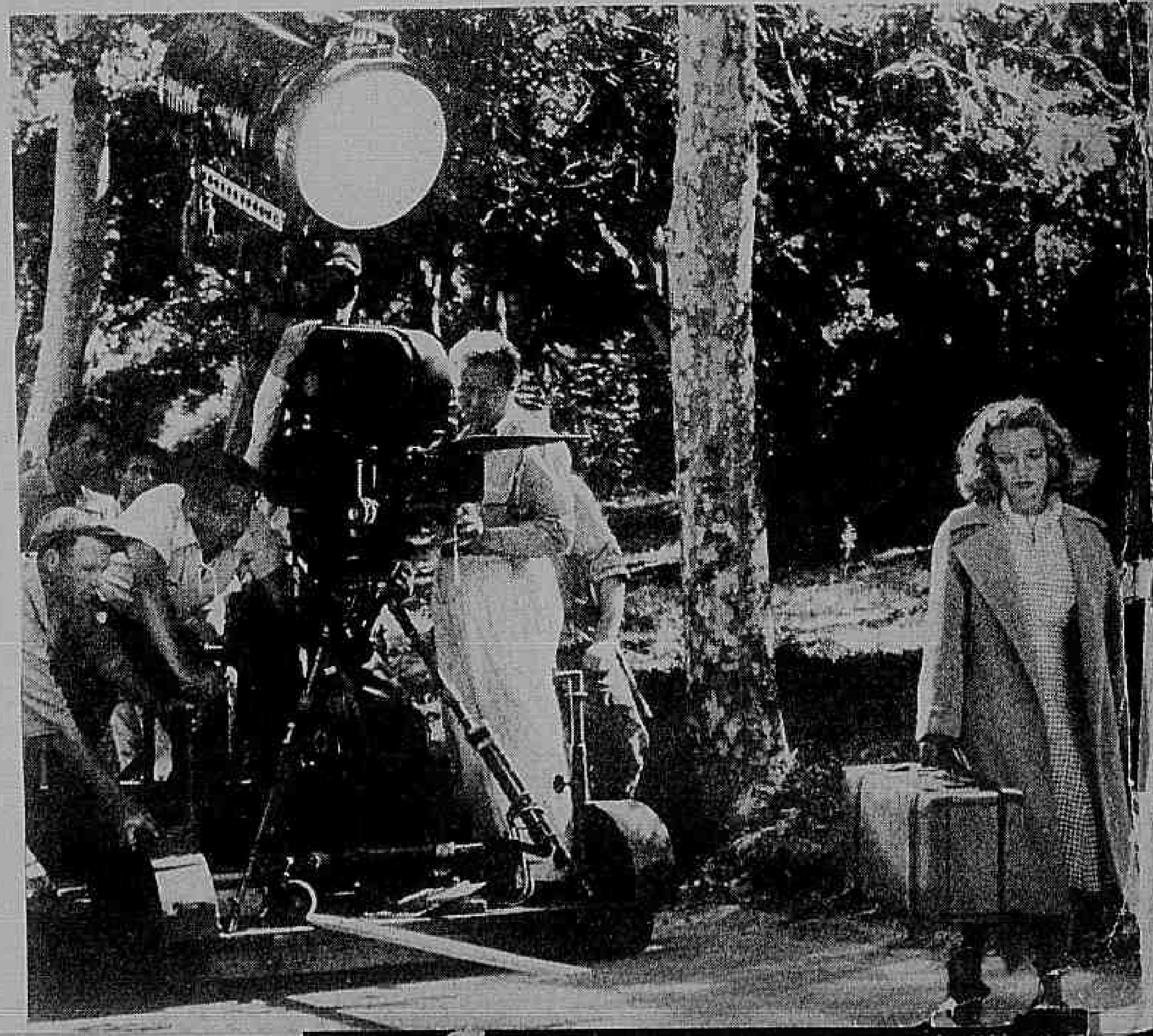


Às edificações parecem suntuosas. Entretanto, mal podem ser sustentadas por pequenas tábuas porque nem possuem teto. Conforme poderá ser observado na parte superior desta foto, basta que o ângulo da fotografia evite os pontos duvidosos. Na cena acima, (filmagem de «Saratoga Trunk»), colhida por um jornalista, em visita ao estúdio, podem ser observados os grandes rebatedores de luz solar.

Ai está como são feitas determinadas cenas dos filmes de aventuras nas selvas. A «grue» resolve o obstáculo e os operadores passeiam no espaço.

Há os «travellings» (deslocações da máquina) mecanizados mas, para cenas curtas, empurram mesmo à mão, enquanto que um refletor se encarrega de suprir a deficiência do sol na floresta.





Curiosidades e close-upS

MISTIFICAÇÕES DA PUBLICIDADE

De MARIEN, exclusivo para A CENA

QUANDO, em 1950, Judy Garland quebrou um copo e com um caco golpeou o pescoço, durante meses a fio os sete milhões de leitores das revistas de cinema vibraram, tristemente, com o sensacionalismo da notícia. As publicações prediletas dos fãs examinaram a tentativa de suicídio do ponto de vista clínico, psicológico e social. Até que um alto funcionário da MGM se teria assim expressado sôbre o caso: «É, pelo menos, a décima vez que ela finge suicidar-se». Citaram o próprio médico da «estrêla», dr. Francis Ballard, atribuindo-lhe a declaração de que se tratava de «ato impulsivo para atrair a atenção». A seguir, chegaram à conclusão de que Judy agira de caso pensado; que a atriz, de 29 anos, então espôsa do diretor Vincente Minnelli, procedera de modo como se fôra uma criança irresponsável e merecia ser expulsa do estúdio.

Há, também, os reversos da sorte. Quando Bette Davis, há algum tempo, trabalhava no deserto californiano, transpirou a notícia de que se esparramara desastradamente sôbre um «cacto». A atitude das revistas foi inteiramente oposta. Os mesmos sete milhões de fãs leram, penalizados e ansiosos, que a querida «estrêla» teria de extrair 49 espinhos de «cacto» da sua dispendiosa silhueta.

Aí estão exemplos típicos de duas diferentes maneiras de tratar os artistas de cinema, adotadas por êsse produto de jornalismo moderno que são certas revistas de fãs. A notícia da tentativa de suicídio de Judy Garland era autêntica. O acidente de Bette Davis não passava de mistificação do estúdio. No entanto, as revistas conheciam a verdade.

A despeito de ocasionais incursões pelo reino da burla, não há dúvida de que êsse gênero de publicidade constitui um fenômeno social bem recente. Ainda não há dez anos, algumas revistas americanas eram pouco mais que meros sub-ramos dos departamentos de publicidade dos estúdios cinematográficos. As fotografias que apresentavam eram exemplares «glamorosos» fornecidas pelas próprias emprêsas produtoras de filmes. As biografias dos artistas não passavam de mal disfarçados truque de publicidade. Mas, o que hoje se verifica, é coisa bem diferente. No mundo da bilionária indústria do cinema as revistas para fãs avultam como poderosa fôrça. Fazem e destroem «astros». As fotografias que exibem, algumas vêzes bem realistas, tiradas pelos próprios fotógrafos seus, podem mostrar-nos Bing Crosby sem o chinó ou Tyrone Power a emergir, de cabelos desgrenhados, de uma ducha. Os que nelas escrevem podem submeter os «astros» da tela à mais corrosiva das críticas.

«A era da futilidade açucarada nas revistas para fãs já passou», diz o diretor de duas dessas publicações. Os fãs de hoje são muito espertos. São capazes de descobrir um tópico mentiroso quase à primeira leitura e exigem, pois, honestidade. Querem ver os «astros» como sêres humanos com quem possam identificar, e não como ídolos. Para ter uma idéia mais nítida do tipo de leitor constante dessas publicações, certa emprêsa de anúncios resolveu, certa vez, realizar um inquérito internacional. E descobriu que o espécime representativo era a garôta de 19 anos que cursava um ou dois anos de ginásio ou a detentora de emprêgo inferior ao de estenógrafa, tal como datilógrafa ou encarregada de mesa telefônica. Os peritos que realizaram o inquérito imediatamente apelidaram-na de «Judy». Naturalmente, os editores de revistas para fãs amam com sinceridade êsse tipo.

Judy é a pequena que considera o realistamento de Audie Murphy no exército uma tragédia maior que a guerra da Coréia. Chinga, o crítico que considera John Derek canastrão, desaprova a todos que disseram que Tyrone Power nunca teve um excelente desempenho; acham que Errol Flynn beija maravilhosamente, até às crianças! Deseja a confirmação se Joseph Cotten, segundo os boatos, agora é vovô e etc. etc. Assim é a vida e as curiosidades da tela.



Bette Davis, à sua revelia, foi vítima de uma especulação da publicidade, fazendo-a vítima de um inverídico acidente!



Judy Garland tentou mesmo o suicídio mas os agentes mistificaram o caso.

OS GRANDES VULTOS DA ATUALIADE (E DO PASSADO)

III — JOAN CRAWFORD

De **H. ANDERSEN**
(exclusivo para A CENA)

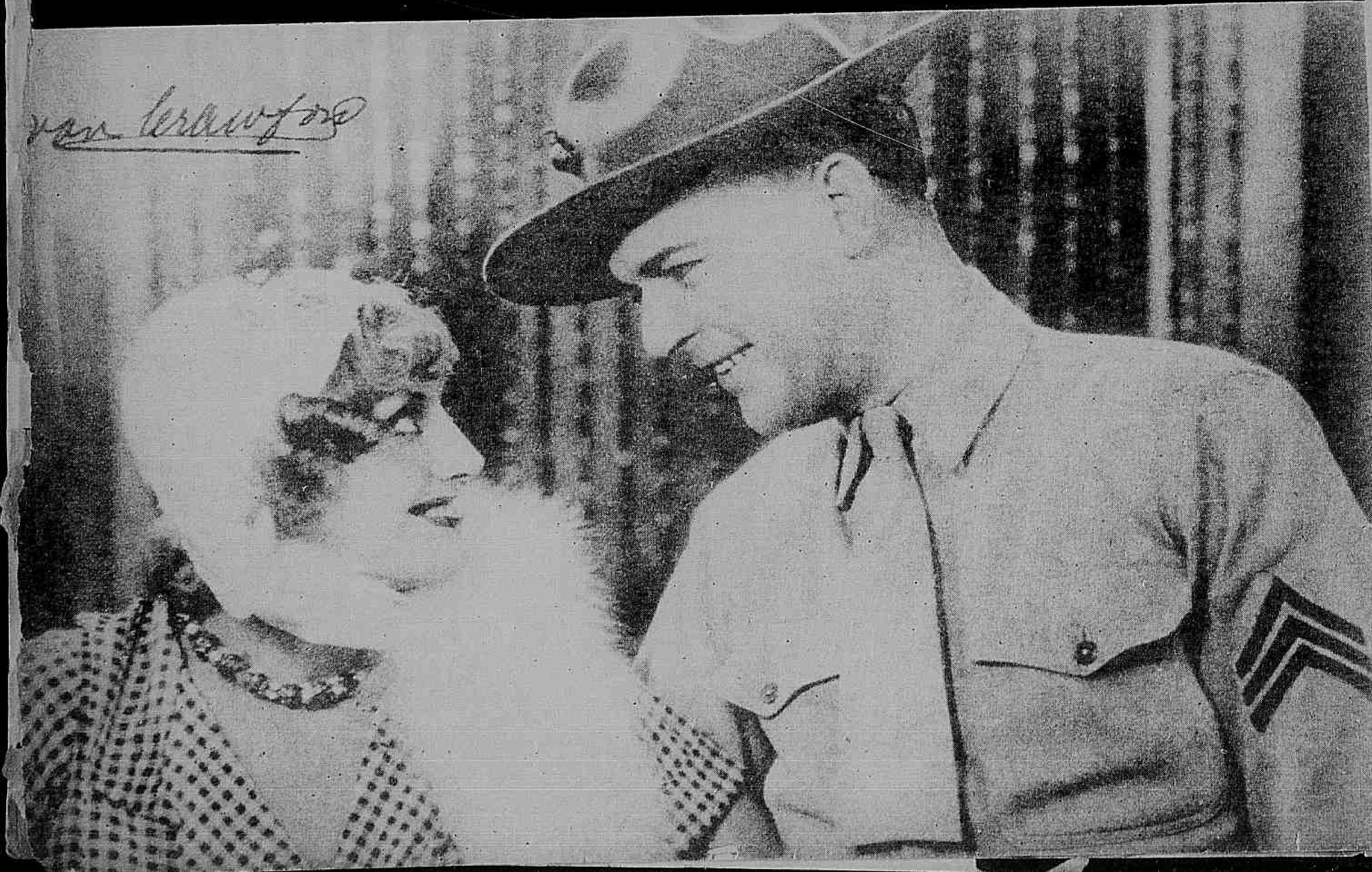


Antes de, sua primeira oportunidade, na M.G.M., Joan Crawford era assim. Nas duas páginas seguintes poderão ser admiradas outras diferentes fases do seu físico

LUCILLE Le Sueur nasceu no Texas. Desde cedo encontrou grandes dificuldades pois nascera de uma humilde família. Antes de entrar para o cinema teve uma variada lista de empregos e passou também por muitas privações.

Suas experiências no palco se ligavam à dança. Daí, Lucille encontra a direção certa que deveria tomar — o cinema. As suas primeiras oportunidades de aparecer

Ao lado de William Gargan em «Chuva» de Somerset Maugham, um dos seus êxitos do passado



diante de uma câmara foram de corista e ofertadas pela Metro Goldwyn, onde também seu irmão Hal passou a trabalhar. Lucilie trocou seu nome por Joan Crawford, e seu irmão tornou-se Richard Crawford. Joan Crawford granjeou fama e o mesmo entretanto não aconteceu a Richard, que teve efêmera carreira.

Naquela época, há quase trinta anos, Joan fazia papéis leves e era antes de tudo dançarina. Tirava fotografias com roupas exíguas e, recentemente, quando se referia, com certa dureza, aos meios publicitários usados pela vulgar Marylin Monroe, esta rebateu as acusações com contra-acusações que iam repousar nos primórdios da carreira de Joan Crawford. Aliás, a verdade é que houve certa identidade de métodos usados pela Crawford de outrora e a Marylin de hoje, mas sem "folhinhas" para Joan!

As primeiras aparições da atriz eram com os dolentes "blues" e só aos poucos foi entrando em contato com o drama, abandonando os "blues" e os "charlestons". Quando a moda do gangsterismo tomou conta do cinema, Harry Beaumont realizou um filme que reunia "gangsters", alta sociedade e algumas gôtas de "jazz": "Dancem, loucos, dancem", onde Joan Crawford, "estrêla" já famosa, tinha importante papel, ao lado de Clark Gable, que fazia então o chefe da orquestra!

Já entrara em moda a filmagem dos êxitos literários. Aliás, sucessos comerciais que ofereciam ao público oportunidade de derramar muitas lágrimas, através da apresentação de pieguismo, com situações repisadas, e onde apenas mudar-se-ia o nome das personagens. Não exigia do leitor nenhum aprimoramento cultural e destinava-se a baixar o nível de conhecimentos médios e o gôsto pelas obras de valor. Eram os "best-seller". Tal gênero atrairia a atenção dos produtores de cinema, com visões em ganhos certos e fáceis, sem perdas ou oscilações. Joan ao lado de Bette Davis ou Helen Hayes teria o seu lugar em tal gênero.

Repentinamente, as coisas pioraram. Os tempos já não eram os mesmos. Passara a época do "jazz"; do triunfo do "sex-appeal"; dos cigarros e roupas ousadas. As películas de Crawford ou Harlow são banidas pela sociedade que tornava-se puritana e onde se multiplicariam as ligas de decência!

Começara o cinema com a "vamp" Teda Bara e parecia acabar em Crawford. Daí em diante mediam-se os centímetros das costas e do colo que anteriormente poderiam ficar desnudos. Preocupava-se a Censura com a duração dos beijos que, com as vampirescas, fôra muito além dos limites promulgados pelas ligas de moralidade. Portanto, na sua primeira fase, foi a Censura que veio a mudar os rumos fazendo, então, que se voltasse ao drama e esta foi a sua grande "chance". Grandes males e grandes vitórias.

O passar dos anos deram a Joan Crawford essa grande expressividade.

OS GRANDES DESEMPENHOS

Grande atriz do cinema silencioso e falado, necessário se torna dividir as suas participações máximas, nessas duas fases históricas do cinema. A "estrêla" que se iniciou na tela, em 1925, com "Pretty La-



Dificilmente poderiamos reconhecer Joan Crawford nesta foto em que ela aparece ao lado de John Gilbert, no seu maior trabalho do cinema silencioso: «A Carne e o Diabo».

OS GRANDES VULTOS

(Continuacão do número anterior)

dies", alcançou, em 1927, o mais decisivo triunfo na fase muda, com "A carne e o diabo" (Flesh and the Devil), ao lado de John Gilbert. Segundo abalizados tratadistas, êsse desempenho poderia figurar ao lado dos seus grandes êxitos no falado. Vale a pena citar que a sua estréia nos "talkies" foi com "Our Dancing Daughters", em 1928, um daqueles filmes em que se retratava a fase áurea da então moderna revolução social nos Estados Unidos (festas com excessos de atitudes e bebidas, etc.). Porém, em 1929, ao lado de Robert Montgomery, deixou, também, forte inpressão em "Untamed".

Uma seleção dos seus maiores trabalhos no cinema falado é realmente difícil, pela diferença de épocas, alta qualidade e quantidade dos trabalhos. Todavia, recorrendo a obras antológicas, é impossível deixar a sua Saddie Thompson de "Chuva", em 1932. Ùltimamente, em "Humoresque" ("Acordes do coração"), em "Um rosto de mulher" (inesquecível). ou, ainda no ano anterior, provando que está intacta a sua capacidade artística, a sua conduta em "Precipícios d'alma" bem que merece ser incluída no quarteto máximo. Isto, porém, ressaltando que em "Alma em suplício", "Chained" (de 1934) foram outras soberbas atuações. A verdade é que, além da seleção acima, cada desempenho da grande Crawford é uma aula de sensibilidade artística. Todo o seu vasto "carnet" constitui uma legítima antologia de arte dramática: "Grande Hotel" (de 1932 e suscitou polêmicas, na época, o confronto, ao lado de outro gênio: Greta Garbo); a refilmagem de "The Last of Mrs Cheyney", 'Dancing Lady", "As mulheres", ao lado de um elenco de celebridades e tantos outros.

Joan Crawford sempre emprestou sua atraente personalidade a qualquer tipo de mulher e, também, as mutações fisionômicas operadas no seu rosto é algo de miraculoso. Certamente, não poderíamos reconhecer a Joan Crawford dos velhos tempos da Metro ou das suas comédias com Clark Gable, com a "estrêla" de variedades ou, ainda, em "Rain" com uma máscara verdadeiramente fascinante. O desenho dos lábios ou das sombrancelhas variavam de acôrdo com o papel, a época ou a companhia em que trabalhava!

Em "Um rosto de mulher", a sua fisionomia mudada, as sombrancelhas arqueadas, ligeiramente grossas, os lábios vigorosamente desenhados, davam a Crawford um ar enérgico e tristonho. Com êsse tipo facial, iria viver outros grandes momentos de sua carreira, papéis que teriam entre si alguma identidade, já não estando a mercê das variações da sua primeira etapa no cinema.

Na vida particular, Joan Crawford está atualmente divorciada. Possui quase meia dúzia de filhos adotivos e já foi casada três vêzes, contandose entre seus ex-maridos dois atores célebres do cinema: Fairbanks Jr e Franchot Tone.

Apesar de ter estreado há quase trinta anos, Joan mantém a grande

Joan Crawford ao lado de Wallace Beery e Lionel Barrymore no filme «Grande Hotel», de 1932.



FUI ASSIM

auréola de sempre. A sedução ainda não abandonou, continua desafiando o tempo, implacável com tantas de suas antigas companheiras, como se fôra um prêmio à sua consagração e amor ao trabalho artístico.

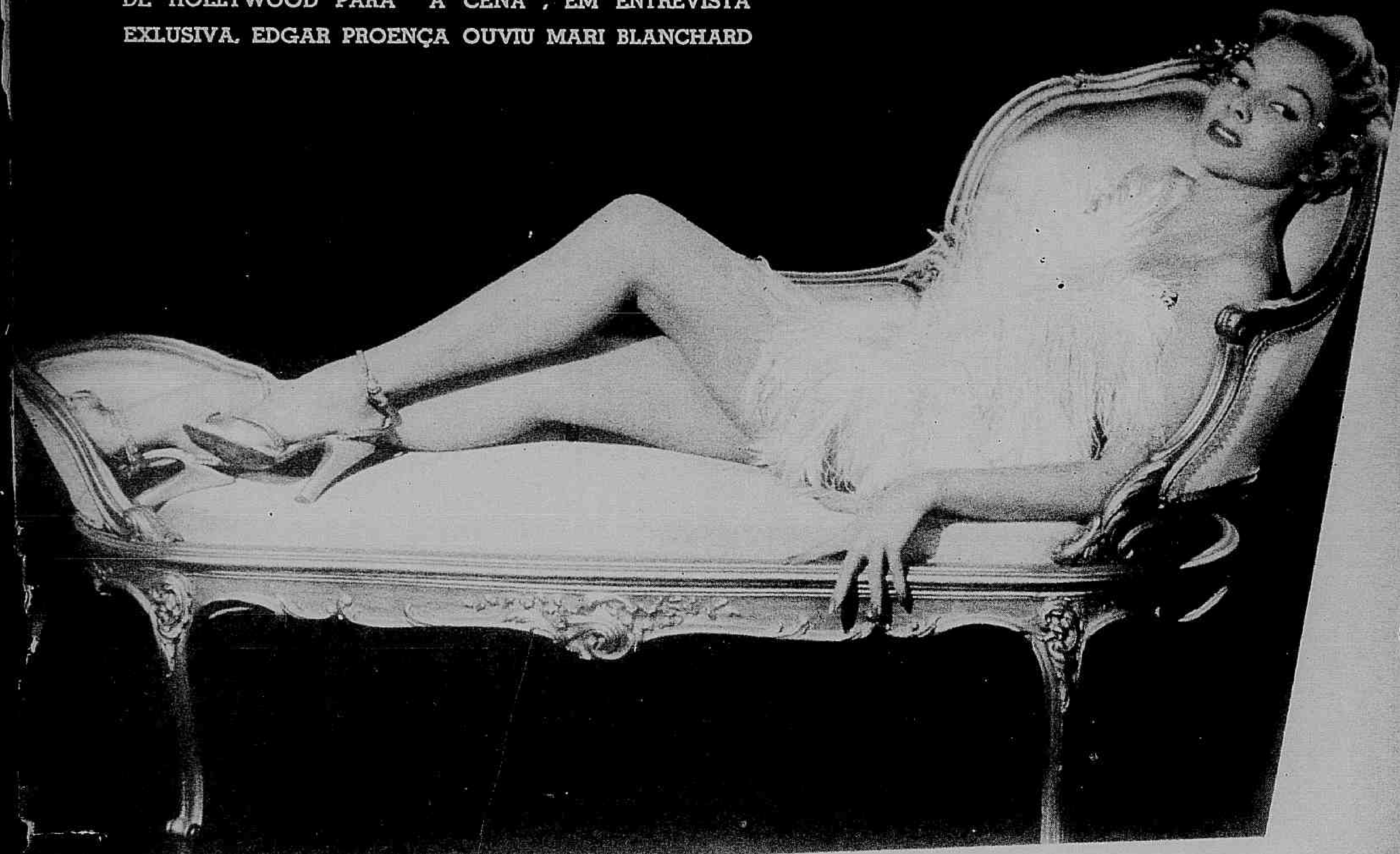
ESTIVE ASSIM

Nas páginas anteriores foi justamente reverenciado o excepcional talento de Joan Crawford, um dos expoentes artísticos do mundo. Entretanto, não deve ficar esquecido um outro aspecto da sua figura, as impressionantes mutações que o físico tem apresentado. Isto poderá ser devidamente julgado através destas três fotos, de fases distintas da sua longa e brilhante carreira. Lembra, até, um aforisma célebre na ciência: «Na naturesa nada se cria e nada se perde. Tudo se transforma».

E AGORA SOU ASSIM

"NÃO DESEJO CASAR"

DE HOLLYWOOD PARA "A CENA", EM ENTREVISTA EXLUSIVA, EDGAR PROENÇA OUVIU MARI BLANCHARD



EM uma das extensas aléias da Universal passa, por mim, leve e ágil como uma pluma, uma insinuante "estrêla". Um casaco bem justo, curto, e ligeiro "short" é o traje que facilita aos olhos identificar Mari Blanchard. Encaminha-se para seu auto, afagando, com as mãos, um jumento, deixando-o entregue aos cuidados de um serviçal.

Meus amigos chamam-na e fazem as apresentações.

— É um jornalista estrangeiro.

— De onde?

— Do Brasil.

Aproveito e indago-lhe algo, aquilo que se pergunta como recurso de momento:

— Li numa revista que pretende casar-se . . .

Agora, já interessada, atalha:

— É que sempre nos meus passeios me faço acompanhar de um grande amigo. Bom enrêdo para um filme, não acha?

— Acho que você está me despistando, sem nada responder.

— Pois então, ouça. Não há fundamento em tal notícia. Não quero, não desejo casar. Estou no início de minha carreira profissional, e hei de segui-la sem os atropelos do coração.

Para mudar de assunto, desconcertada, procurando ser gentil aponta-me o jumento, dizendo:

— Deram-me de presente quando estive, faz pouco tempo, filmando em Arizona. Chama-se "Guadalupe".



A rigidez de linhas das máquinas acentua a sinuosidade de Mari Blanchard

Fica nisso a nossa entrevista. Loura ou morena, Mari Blanchord, que filmou ao lado de Victor Mature "Veils of Bagdad" e, agora, está trabalhando com Joel MacCrea, é realmente encantadora.

No restaurante da Universal, onde almoço com os dois amigos, vejo-me entre outras "estrêlas".

Não tive ouvidos para entendê-las, nem tive olhos para admirá-las. A lembrança havia ficado para Mari, com ou sem cabeleirc postiça.

Olho-a, insistentemente, mas sem malícia. Ela observa, supondo talvez que seu traje provocante seja o motivo de minha curiosidade. E, sem nenhum gesto de reprovação, mesmo satisfeita, certamente, interroga-me:

— Por que me olha tanto assim? É costume no Brasil?

— Para guardar bem a sua fisionomia. As suas gentilezas jamais serão esquecidas . . .

— Está bem, julguei que olhasse de outra maneira ou, então, para os meus cabelos negros. São postiços, não está vendo?

— Não vejo nada . . .

— Sempre que chego em casa, tiro esta cabeleira, olho-me no espelho e acho-me estranha! Penso que sou outra pois o meu cabelo, preste atenção, é bem louro!



Mari Blanchard e Lori Nelson cogitam de uma viagem à Noruega.

CINEMA BRASILEIRO

7 DIAS EM REVISTA

De **SANIN**, exclusivo para A CENA



John Herbert e Adelaide Chiozzo em «O petróleo é nosso»

COISAS graves continuam a acontecer no nosso bem amado cinema. Coisas não são bem filmes mas . . . que importa! A situação está pra lá de boa disse, em mensagem ao Senado, o Getúlio. Ninguém acreditou, principalmente a turma do cinema que está vendo cada dia a situação se agravar. O filme virgem está a vinte e tantos. Os que vinham trabalahndo regularmente brecam o carro: com êste preço ninguém pode. Latini (os dois), A. Viany, Paulo Montel resolvem fazer movimento de salvação com comício e projeções públicas. Alguns deputados aderiram e prometem apoio. Mas lá na Câmara parece que o meio é mais denso: nada caminha desembaraçadamente. Tudo é vagaroso, amarrado: basta ver o projeto do INC que está, por sinal, lá no Senado marcando seus passos burocráticos. Vão tentar congregar tôda a classe neste sentido, ou melhor, a classe se vai congregar pois não se trata de interêsse particular mas geral.

Apesar do descalabro, muita gente ainda se interessa por formação de mentalidade sadia de espectador. O salão da ABI estêve à cunha quando da apresentação do filme «A Verdade não tem Fronteiras» pelo Cine Club Chaplin. Antes da projeção deveria ser apresentada a atriz Vanja Orico mas esta está filmando na Bahia. Não pôde vir, portanto.

Funda-se no Rio, o Clube de Figurantes de Cinema cuja finalidade é unir os artistas militantes em cinema: atores, diretores, técnicos etc. De finalidade social por certo tornar-se-á um ponto de encontro e diversão de todos aquêles que trabalham no cinema carioca.

Na Ação Social Arquidiocesana abrem-se as matrículas para o curso de Formação de Críticos, único curso que funciona regularmente no Rio. Se bem que ninguém saia crítico de um único curso de 3 meses, terá, pelo menos, uma idéia bastante satisfatória dos problemas técnicos, estéticos e históricos da 7ª Arte.

«Rio, 40º» aparentemente é o único filme que em seguimento na Cidade Maravilhosa; a turma que é muito corajosa vai levando bem o que a princípio parecia temeridade.. O próprio sr. Santos Mendes, produtor e diretor de «Coração Sem Rumo», suspende provisòriamente as filmagens aguardando uma solução para o problema de película. Assinou, entretanto, contrato com a atriz e agora argumentista Elvira Pagã para a realização do próximo filme: Guaraciaba».

NA CRUZEIRO DO SUL

Estará, brevemente, na tela a primeira produção da Cruzeiro do Sul, que é «Os Cinco Ladrões», um policial que retrata o problema do ladrão que se vê obrigado a reincidir no roubo por razões provenientes do desequilíbrio social. O argumento e a direção são de Maurício de Barros.

——//——

O próximo filme da Cruzeiro do Sul versará sôbre os Bandeirantes, na procura das decantadas esmeraldas. Será quase todo rodado em «location», pelo fato de ainda existir grande parte dos interiores onde se desenrolou a história. Até mesmo as roupas, ainda existem algumas, em museus, o que será de grande valor, para a veracidade do filme. A Cruzeiro do Sul iniciará dentro de um mês, os testes para a escolha dos papéis principais. Está também preparando um interessantíssimo concurso que virá, naturalmente, atrair a atenção de todos aquêles que gostam de escrever para o cinema. Trata-se de um concurso de argumentos, coisa quase inédita no Brasil. Além dos prêmios para os melhores colocados, a Cruzeiro do Sul, escolherá o melhor argumento para um de seus próximos filmes.



Grupo de autênticos policiais, colaborando em uma cena de «Os cinco ladrões», da Cruzeiro do Sul, em São Paulo.

EM SÃO PAULO

De Z. **MENDES**, exclusivo para A CENA

O govêrno paulista vai decidir a crise da Vera Cruz. Cena do filme vendo-se, em 1º plano Cacilda Becker e, em último, Gilda Nery, duas das principais figuras.



REALMENTE, a situação do cinema nacional requer maiores cuidados. Tem sido difícil o seu caminho nestes últimos tempos.

Muitas pessoas acham que sòmente em São Paulo a situação do cinema está merecendo maiores atenções. Infelizmente, a verdade é que a maior parte dos estúdios cinematográficos brasileiros luta com bastante dificuldades.

Portanto, deve o govêrno cooperar para o futuro do cinema no Brasil. Talvez, os homens não queiram zelar nesse sentido. Ou quem sabe, não achem necessário dispensar atenções para o meio artístico. Até hoje, não lembraram que nosso melhor embaixador no estrangeiro, nestes últimos anos, tem sido o cinema. A apresentação de filmes como «O Cangaceiro», «Sinhá Moça» e «Tico-Tico no Fubá», que foram buscar, alhures, fama e honras para o Brasil, comparecendo aos festivais, e recebendo prêmios e aplausos. Há alguns anos atrás, nem sequer pensavam que pudesse o Brasil, com suas representações, arrebatar de outros prêmios e aplausos.

É necessário reconhecer que nós, com a ajuda do govêrno, para a vinda de material técnico, podemos fazer (e faremos) produções dignas de comentários elogiosos. O público terá também, para isso, sua atuação, no que diz respeito em reconhecer que certas produções estrangeiras, que aqui chegam como sendo de BOA QUALIDADE, não mereciam sequer a atenção pois, na realidade, não passam de produções medíocres. Continuaremos a receber maus filmes do estrangeiro sendo que as nossas produções, por serem brasileiras, são recebidas como medíocres, os comentários de péssima direção (esquecem, talvez, que quase todos diretores são estrangeiros) e que nossos artistas não sabem trabalhar etc., não lembrando, também, que o que apresentamos é produção nossa com esfôrço e cooperação máximos.

Por que, então, o govêrno ao invés de permitir a invasão de técnicos estrangeiros, não abre uma academia de cinema para dar técnicos, artistas, diretores e produtores, que possam produzir trabalhos dignos de um cinema que pode e deve aumentar suas produções complementares brasileiras?

Como nos seria agradável o dia em que pudéssemos assistir a um filme composto inteiramente de nomes brasileiros. Digo isto, porque sei que o brasileiro se sentiria feliz nesse dia, como sentiu-se triste no dia em que assistiu a uma certa película brasileira contendo todos os elementos, tanto de parte da direção, quanto na técnica ou artística, formados por nomes estrangeiros!

Onde estamos, afinal, que não procuramos lutar pelo nosso cinema, para que o mesmo seja cada dia mais brasileiro e com o menor número possível de elementos estrangeiros? Se tivéssemos a Academia Brasileira de Cinema, para nossos técnicos, diretores e artistas, poderíamos produzir muito mais.

A Companhia Cinematográfica Vera Cruz, atualmente a melhor do Brasil, encontra-se em dificuldades. O govêrno de São Paulo já se prontificou a ajudá-la. Portanto, esperamos, para muito breve, o reinício de suas atividades. Isto acontecerá provàvelmente com o término de «Floradas na Serra», com Cacilda Becker e Jardel Filho e o início de produções que já estão prontas para serem filmadas, como «O Sertanejo», de Lima Barreto, tendo nos principais papéis Paulo Ruschel e Araçari de Oliveira. Portanto, se a Vera Cruz vencer esta etapa difícil, creio que o cinema brasileiro firmar-se-á e não deixará mais que suas produções sejam prejudicadas por culpa de elementos incompetentes que dizem possuir experiência cinematográfica.

Esperemos então a cooperação do govêrno, para que o Brasil possa, dentro de muito pouco tempo, orgulhar-se de possuir um cinema digno, conhecido e aplaudido no mundo inteiro.



Cacilda Becker e Jardel Jercolis Filho beijam-se em «Floradas na serra».

Novela das Imagens

ELENCO	
André Landrecourt	JEAN MARAIS
Julieta	DANY ROBIN
Rosie Facibey	JEANNE MOREAU
Madame Valendor	DENISE GREY
O Príncipe d'Alpen	BERNARD LANCRET
Martine	NICOLE BERGER
O Comissário	FRANÇOIS JOUX

FICHA TÉCNICA	
Produção	INDUSFILMS
Realizador	MARC ALLEGRET
Adaptação e diálogos	FRANÇOIS GIROUD
Extraídos do romance de	Mme. LOUISE DE VILMORIN
Diretor de Fotografia	HENRI ALEKAN
Música	GUY BERNARD






Do sótão desarranjado, depósito de trastes, Julieta deu um toque de ambiente poético, nascendo, então, o romance com André.

JULIETA (DANY ROBIN) e sua irmã (NICOLE BERGER) davam, cada uma no seu gênero, sérias preocupações à mãe, Madame Valendor (DENISE GREY), uma amável viúva que tinha vindo passar as férias com as filhas a Arcachon. Na praia são apresentadas ao Príncipe d'Alpen (BERNARD LANCRET) que apesar dos seus cinqüenta anos, mercê da sua figura alta e desempenada e... principalmente do seu título, era considerado irresistível por tôdas as raparigas que lhe faziam uma côrte descarada. Êste não tarda a mostrar-se encantado e enamorado da espontaneidade e graça juvenil de Julieta e, passados dias, faz-lhe propostas de casamento que ela aceita.

Uma grande amiga de Héctor d'Alpen, a insinuante Rosie Facibey (JEANNE MOREAU), que julgava pertencer-lhe o coração do Príncipe, fica desiludida e desapontada, pois sonhava tornar-se Princesa. Por isso, despeitada, aceita fàcilmente o casamento que lhe propõe um outro dos seus amigos.

No comboio que as conduz a Paris e durante as fastidiosas horas de viagem, Julieta, que depois do seu noivado se tinha tornado estranha e diferente, confessa à irmã a razão dos seus tormentos e arrelias: acha que o Príncipe será, talvez, o ideal dos maridos mas... não gosta dos seus beijos. Pior ainda: detesta-os!

Gostaria de renunciar ao Príncipe! — Mas como fazê-lo se já tinha dado a sua palavra? O que ela queria era ser viúva... e, traduzindo em palavras os pensamentos que lhe correm velozes, descreve cenas admiráveis e patéticas, ditadas por aquela imaginação indômita que à falta da realidade se refugia nos sonhos.

Martine, acostumada àquelas espantosas confidências da irmã e sem lhes dar grande valor, deixa-a sentada no compartimento da carruagem, perante a mãe que dormita, e dirige-se para a «carruagem-restaurante» para jantar.

No mesmo compartimento onde Julieta ficou, seguia viagem André Landrecourt (JEAN MARAIS), jovem advogado em Poitiers que, para que o tempo da viagem lhe parecesse mais curto, fumava e ia estudando alguns processos. O comboio pára. Landrecourt repara no nome da estação e vê que tinha chegado ao seu destino, Poitiers. Desce precipitadamente, esquecendo-se da cigarreira num dos bancos da carruagem.

Julieta encontra-a e desejosa de a entregar ao seu proprietário, corre atrás dêle mas quando lha consegue entregar já o comboio tinha partido, sem ela. Landrecourt fica ao mesmo tempo reconhecido e contrariado, com êste incidente.

O jovem advogado procura em vão um quarto de Hotel para Julieta, que tira da ocorrência um partido alegre. Landrecourt, nervoso e já aborrecido, é obrigado a hospedar a rapariga na sua casa de campo, «Les Saules», situada nos arredores de Poitiers.

Às perguntas discretas e veladas, do seu companheiro de acaso, Julieta responde que é viúva e na vida não depende senão dela própria.

O advogado, obrigado a partir na manhã seguinte muito cedo, encomenda de véspera um táxi que no outro dia levará a rapariga à estação.

Julieta quando acorda na manhã seguinte, quer chamar a mãe ao telefone, mas como não consegue, em virtude de estar impedido, mas contrapartida, por causa de uma ligação defi-

NOVELA DAS IMAGENS



ciente, ouve uma conversa entre a mãe e o noivo. O Príncipe estava zangado e desconfiado e... Madame Valendar fala em chamar a polícia para a descobrir. Estas atitudes deixam Julieta terrificada. Desliga. Manda embora o táxi que a deveria conduzir à estação e decide continuar no «Saules».

Nessa mesma noite André de Landrecourt, que já tinha esquecido o caso de Julieta, leva a visitar a sua casa de campo a noiva que não é outra senão Rosie Facibey. Êle não lhe confessou — e para quê? — o incidente do comboio, motivado pela perca da cigarreira, um presente de Rosie para que êle «nunca a esquecesse».

Fica, portanto, desagradàvelmente surpreendido ao ver que Julieta ainda se encontrava em sua casa.

Sem refletir e para evitar explicações, que poderiam ser mal interpretadas, André esconde Julieta no sótão.

Então começa uma noite de loucura. Julieta furiosa por se ver tratada desta maneira e Rosie apavorada pelo desconhecido da casa e vendo fantasmas em todos os cantos, provocam os mais inesperados episódios.

O sótão era pràticamente inabitável. De sorte que André começa a transportar, retirando dos próprios aposentos em que habitava com a sua noiva, roupa de cama, e todos os demais utensílios. Acontece que, Julieta, como tôda moça sonhadora, imaginou a planificação de um «sétimo céu» romântico naquele sótão. Assim, passou a realizar uma série de descidas, por sua conta, nos andares inferiores, causando pânico a André e sustos a Rosie.

Foi acontecendo que, Rosie começou a mostrar o seu verdadeiro gênio: irrascível e, ao contrário, Julieta se foi revelando como uma deliciosa e pura jovem aos sentimentos de André. Entretanto, êle lutou ao máximo contra esta idéia continuando, embora decepcionado, a prestigiar a noiva.

Sucede então que, certa noite, Julieta que, afinal de contas, era também humana e sensível resolveu experimentar algo em tôrno dos seus experimentos passados, em matéria de idílio. Recordando o quanto lhe aborreciam os beijos do Príncipe seu noivo, resolveu fazer uma experiência, bem feminina, com André. Em certa hora, na calada da noite, quando o mesmo teve de subir, contrariado, para levar um décimo copo d'água a Julieta, no sótão, ela, deliciosamente lhe perguntou:

— André: uma idéia. Prometo que não mais lhe aborrecerei. Em troca, quero fazer uma experiência. Pode beijar-me?

O rapaz ficou surpreendido mas, claro, não se fêz de rogado. O fato é que, a diferença dos sentimentos da jovem entre o «ex-noivo» e a atual aventura foram tão grandes que quase ia sucumbindo, com uma série ininterruptas de «ensaios» fortes, vibrantes. Êle, não se precisa dizer, gostou ainda mais. E foi Julieta que acabou se controlando, ao dizer que tudo não passava de um «exercício» de confrontos.

Afinal, depois de ajuste dêsses, ambos convenceram-se que se haviam apaixonado. Entretanto, André, por questões de ética de aristocracia, ainda quis se iludir a si próprio, tentando manter as aparências com a noiva. Contudo ela, sem ao menos ter-se encontrado, uma única vez, naquela mansão, com a sua rival, assimilou algo no «ar» pois tratou de, preliminarmente, telefonar para um antigo admirador que era, nada mais nada menos, do que o ex-Príncipe de Julieta. E, assim, com mais facilidade, Julieta e André resolveram realizar ensaios «em conjunto» e definitivos: o enlace!



«Nem todos os principes são encantados ou encantadores», pensa Julieta, vivendo no sótão «sétimo ceu».



Um romance nasceu entre Julieta e seu casual hospedador



A caminho de Paris, onde um príncipe e uma vida protocolar a aguardavam.



PIN-UPS DE PARIS

Por MARIA HELENA, exclusivo para A CENA





Cecile Aubry, Françoise Arnoul e Etchika Choureau, três tipos e três beldades que honram a cinematografia francesa



Genevieve Page

gôsto pelas letras e artes e Danielle Godet, além de beleza e talento, possui cultura.

Nicole Cézanne é uma das mais belas aparições dos últimos tempos, no cinema francês. Seu «début» na tela foi feito no filme «Identité Judiciaire». O espectador mal terá tempo de conhecer sua nova «estrêla», pois nas primeiras cenas do filme Nicole se afoga, e por magias do cenarista é a primeira vítima do herói do filme. Auguremos a Nicole, «pin-up» de Paris, um papel menos «efêmero» . . . .

Claude Borelli, uma loura sensacional, estêve em Hollywood onde havia várias promessas de contratos. Apareceu em pequenos papéis no cinema francês como em «Orfeu», «Désordre», que é uma curta metragem sôbre «St. Germain-des-Prés». Estêve também no Canadá e em emissões da TV americana. Borelli, dizem, foi embaixatriz francesa, no carnaval carioca de 1951 . . .

Myriam Bru usa seu verdadeiro nome que em francês significa «belle fille». No Festival de Cannes foi considerada «pin-up modèle». Aparece no cinema francês em 1952 no filme «Ouvert contre X . . .» e trabalhou simultâneamente na Itália com o galã Rossano Brazzi em «La spicolatrice de Safri».



Françoise Arnoul uma das célebres «pin-ups»

MARTINE Carol é hoje uma das principa «pin-ups» de Paris. Possuidora de grande beleza física, Martine logo alcançou sucesso nas telas de todo o mundo e, com sua fôrça sedutora, tornou-se o ideal de muitos homens. Martine Carol foi bela em 1700, 1800, ou 1900 e depois de ter emprestado seus encantos a Carolina em «Caroline Chérie», e de ter encarnado uma «adorável criatura» (ninguém o discutirá) em «Essas Mulheres», Martine aparecerá em «Belles de Nuit», de René Clair, representando uma beleza de 1900. Retrocedendo ainda mais no Tempo, Martine Carol, beleza em qualquer época, será uma Lucrécia Bórgia das mais encantadoras que tenham aparecido no écran!

Suzy Delair, mais velha do que sua colega Martine, é possuidora das mais lindas pernas do teatro e do cinema francês. Apareceu magnìficamente em «Lady Paname» ao lado do saudoso Jouvet. Ainda ao lado dêste ator brilhou em «Crime em Paris» e recentemente estêve no «Rivoli» no filme «Mulher Cobiçada». Trabalhando no teatro um dos seus maiores sucessos foi sem dúvida «Feu d'artifice» uma opereta, da qual Suzy foi a heroína. Apesar das suas atividades teatrais, confessa que jamais se «divorciará» do cinema.

.Françoise Arnoul é ainda «brotinho». Tornou-se conhecida das platéias brasileiras através da película «Tormentos do desejo». Apesar de relativamente possuir pouca idade, nem por isso deixa de ter uma boa dose de «sex-appeal» e um pouquinho de pimenta!

Danielle Godet talvez venha a fazer forte concorrência à americana Marylin Monroe. Apesar de ter tido um passado profundamente intelectual chegando até a Sorbonne, sentiu-se um dia dominada pelo micróbio do teatro e mudou repentinamente todo o curso de sua vida. Já filmou em Londres, na Itália e em Paris. O cinema não a impede de guardar e cultivar o



Assim, ao lado das belezas da velha guarda, as «pin-up» parisienses enriquecem o cinema francês com as suas belezas e «sex-appeal», fazendo frente ao cinema americano com suas Jane Russell e Marylin Monroe e ao cinema italiano ocm as Pampanini e Lollobrigida!

Um precioso grupo de «pin-ups»: Anne Vernon, Dany Robin, Marie Deams, Brigitte Bardot e Francoise Arnoul

80 Pré-estréias do Festival

Cobertura crítica de Jonald, C. Maximiano e Sanin

(Continuação do número anterior)

O BRASIL NO FESTIVAL

2 — NA SENDA DO CRIME

Pelo menos em uma característica merece, esta nova produção da Vera Cruz, uma análise mais detida. O roteiro que, tanto na referida produtora, quanto em qualquer outra do país, sempre constituiu o mais sério entrave a um filme, está, desta feita bem melhor. Seguindo as tendências do moderno cinema italiano colaboraram no mesmo nada menos do que cinco elemenots. Nota-se, efetivamente, maior agilidade de narrativa e espírito de síntese. Ao contrário da maioria dos filmes brasileiros dos últimos anos, (inclusive os bons espetáculos de "O cangaceiro" e "Sinhá Moça", com grandes defeitos de roteiro), nos quais "Uma pulga na balança" foi uma exceção, a narrativa "caminha" sempre. Findo êste justo elogio inicial temos a dizer que a história é péssima. Custa a crer que a organização de Franco Zampari inverta dinheiro em material tão deplorável que invalida o bom esfôrço dos cinco cenaristas. Por outro lado, não admira que esta emprêsa esteja atravessando tão séria crise. Uma das causas aí está: os próprios erros internos, o absurdo de certas seleções de argumentos.

Segundo lemos, os responsáveis por esta película anunciaram que iriam impor um estilo brasileiro para o filme brasileiro. O intento resultou completamente frustado. A trama tanto se poderia passar no Cairo quanto em Shangai e, infelizmente, nada captou no sentido nacional. É fraca a direção de outro italiano, recrutado pela Vera Cruz: Flamínio Bollini Cerri. A única — e aliás notável — seqüência elogiável da película foi uma belíssima idéia dos estruturadores da qual não se retirou todo o máximo partido. Trata-se da passagem do assalto à gerência de um cinema, situado atrás da tela de projeção. Enquanto os ladrões roubam, no salão de espetáculo se projetava também uma ação policial. O paralelismo curioso de situações, apesar de ter resultado em momento alto, poderia ter ido muito além, nas mãos de autêntico homem de cinema. Tampouco demonstrou domínio do ator. Certo é que alguns se destacaram, mercê de esforços pessoais. Miro Cerni, por exemplo está muito bom, o mesmo sucedendo com José Policena. Há defeito mais intuitivo nos outros atores, de menos valor, os quais, entretanto, poderia render mais, se melhor orientados: Cleyde Yaconis, Silvia Fernanda, Josef Guerreiro (elemento bem aproveitável, vindo do teatro), Nelson Camargo, Salvador Daki, etc. Henry C. Flowe conseguiu bom trabalho fotográfico. Regular a partitura de Henrique Simonetti. (De Jonald).



Brasil: «Na senda do crime»



Estados Unidos: «Hondo»

O BRASIL NO FESTIVAL

1½ — O GIGANTE DE PEDRA

Um contraste absoluto entre o outro filme brasileiro, acima criticado. No atual o roteiro é mau, tipicamente brasileiro das suas mais antigas e débeis fases. Entretanto, sente-se a presença de alguém na direção, conhecendo cinema bem mais do que o diretor italiano do outro. De imediato, nota-se que êste filme foi um dêsses "arranjos", sem verba, de produtores independentes mas honestos e esforçados. Nota-se a falta de recursos em tudo, a fuga para exteriores, com ou sem propósito e uma descontinuidade geral de narrativa. Por um lado, deficiência do roteiro; de outro das várias interrupções porque passou a película, inclusive por questões financeiras. Entretanto, um paciente trabalho de "montagem", em que o diretor Walter Khouri influiu favoràvelmente, procurou tornar o mais lógico possível o transcurso. Em grande parte, realizou o seu desejo mas, por pouca sorte, nas várias seqüências anteriores ao epílogo, isto não foi alcançado. Para cúmulo a história que, apesar de frágil, sempre tinha um pequeno interêsse, também declina muito. Daí resulta um encerrar sem lógica que traz até pasmo, tamanhas são as falhas psicológicas, interpretativas e, até mesmo, nos pontos já merecidamente elogiados: a direção e a "montagem". A impressão que tenho é de que deixaram de ser rodadas diversas cenas e, assim mesmo, por premência financeira, tudo foi ligado a fim de apresentar o filme. Foi pena que assim aconte-



Brasil: «O gigante de pedra»

cesse pois não faltam qualidades ao realizador. Foi mesmo um herói, conseguindo, com todos os pezares, dar uma aceitável continuidade, pelo menos na primeira fase da narrativa. Para conseguir terminar a película deve ter havido uma luta tão titânica que, se fôssem entrar os ângulos sentimentos para o julgamento crítico, a recepção poderia resultar facciosa. Contudo, preferível é apontar os senões, sem ofuscar as legítimas qualidades.

Entre os atores, Fernando Pereira domina completamente o "cast". Já em "Luz apagada" a sua conduta mereceu francos encômios. Agora, reafirmada por êste filme, candidata-se ao prêmio do melhor intérprete brasileiro do ano. A naturalidade da sua atuação contrasta com a dos outros intérpretes, demasiadamente novos. É possível excetuar também o trabalho de Paulo Monte. Entretanto, por sua culpa ou não, foi mantida uma linha em acentuar certa vilania do seu íntimo quando, ao contrário, a discrição neste particular surtiria melhor resultados e, até, melhoraria a parte psicológica do final. Irene Kramer deve ter sido escolhida pelo "facies" um tanto álgido, mas acontece que ela leva adiante isto se tornando inconsistente no papel. Sílvia Orthof foi por demais sacrificada no roteiro. Não há preparação alguma para as suas diferentes reações e embora se compreenda que personifica uma infeliz, está mal contado o seu caso. Foi pena êste insucesso, porque já havia positivado méritos no teatro. A realização tem desequilíbrio fotográfico e a música é muito fraca. Entretanto, o filme, com tantos defeitos, ainda foi uma afirmação positiva do diretor. (De Jonald).

FRANÇA NAS JORNADAS

2½ – COMPANHEIRAS DA NOITE

Apesar de a película tratar do problema da prostituição não houve da parte dos realizadores o desejo de fixar o tema com escândalo. Isto seria muito fácil de acontecer mesmo porque no elenco havia uma Françoise Arnoul, já bem explorada em filmes sensacionalistas. No tocante a estas ponderações, a única ressalva seria a de certa insistência de trechos em que se explora o físico das decaídas. Mesmo sem disvirtuações, o desenvolvimento da história era um impecilho inicial ao conjunto. Insidiosamente, a história vai recaindo em aspectos convencionais. Não houve nem penetração da parte do diretor Ralph Habib em devassar o íntimo das personagens nem tampouco recursos artísticos do mesmo a fim de tentar uma película de categoria. Ficou um vínculo geral para a bilheteria mas, felizmente, sem excessos. O fato é que se perdeu uma oportunidade para uma análise mais séria do problema da decaída e do infortúnio que levam comsigo. Afinal, êsses temas, tão repizados em cinema puramente comercial, para resúltar em algo superior sòmente nas mãos de cineasta dos melhores. E o responsável do presente filme é demasiadamente novo para tal feito. Françoise Arnoul está melhor do que de outras vêzes mas, ainda assim, lembra mais a Françoise do que a personagem da história. O melhor do elenco é Raymond Pellegrin, seguindo-se Nicole Maurey, Marthe Mercadier, Pierre Cressoy, Jeanne Marken e outros. Roger Hubert logrou esplêndida fotografia e a música de Raymond Legrand é funcional. Um conjunto regular.

INGLATERRA NO FESTIVAL

3 – A CONQUISTA DO EVEREST

O homem, desde os mais antigos tempos, busca tanto as alturas terrenas quanto as espirituais. O desejo de passar à história tem levado, no primeiro campo, o encontro das mais inóspitas regiões do mundo. Se o atual filme resultasse, em valor, à altura do feito, seria certamente uma obra de real destaque. Acontece, entretanto, que não correspondeu à expectativa. Não foram explorados os ângulos dramáticos. Não se procurou aliar um sentido plástico funcional com os acontecimentos. Tampouco no pictórico ou da poesia estranha das imensas geleiras ou do vento, que é sempre intenso no caminho para o cume da maior montanha do mundo, foi captado tôda a fôrça existente. Na parte cinematográfica conquanto correta, em linhas gerais, carece, também, de ritmo e "montagem" capazes de valorizar a obra. A preocupação foi, apenas, documentar. Sob o ponto de vista histórico é, de fato, um filme que tem êste mérito de registrar em imagens, um grande feito. Porém, a emoção angustiosa, a ansiedade das persogens que tomaram parte poucas vêzes transparece. Sem quebrar a linha de honestidade — tão britânica aliás! — muitas das reações dos protagonistas teriam de ser vividas duas vêzes: uma na realidade e, outra, através da direção, reproduzidas no celulóide. Todos êstes reparos não significam que a película tenha sido frustada. Os defeitos não chegaram, realmente a êste ponto. É uma realização a que se assiste com interêsse e, com todos os senões, sempre restou do documentário, embora por vêzes tão frio quanto as neves do Everest. Para isto, temos que recordar as imensas dificuldades dos homens de cinema que acompanharam a penosa expedição. Muito boa a fotografia de Thomas Strobart. Adequada a partitura de Arthur Benjamin.

(Cont. no próx. número)



Itália: «Musoduro»



«O espectro da rosa», embora o bailado titulo não convencesse nunca, apresentou um notavel «ballet» no epilogo. Acima, Viola Essen e seu «partnaire» no trecho final da pelicula que esta sendo visado para o «Festival Ballet», o 3° Festival Mundial de Filmes de dança.

O CINEMA E A DANÇA

De MARIEN, exclusivo para A CENA

MUITOS dos que escrevem sôbre a estética do cinema têm tido a tentação de estabelecer uma analogia entre o filme e o bailado. Eis o que diz Roger Manvell no livro da coleção Pelican sôbre o filme: «O bailado, como a história, traduz sua narrativa em mímica e gesto. Em relação aos mesmos, a música atua precisamente com a mesma capacidade subsidiária da trilha sonora do filme».

Esta analogia é bastante válida e pode-se extremá-la, indo encontrar paralelos mais engenhosos das duas artes, que se engrenam quase à perfeição, no artigo de Anthony Asquith sôbre «O Bailado e o Filme», in Footnotes to the Ballet (1936). Mas não devemos aceitar as observações de Roger Manvell sem axame bastante mais cuidadoso das semelhanças e dissemelhanças dos dois meios.

Com efeito, o filme é um meio apenas superficialmente relacionado ao «ballet». Sugestão mais aceitável que a de Manvell, por isso que mais aceitável e passivo de ensaio comprovador, é a feita por George Bolanchine em suas «Notas sôbre Coreografia», publicadas em Dance Index (fevereiro-março de 1945): «A dança está continuamente em movimento e a cada momento que passa sòmente uma posição isolada do «ballet» está ante os olhos da platéia. Talvez o ôlho não veja movimento, mas apenas essas posições estacionárias, quais singelos quadrinhos de um filme cinematográfico. A memória, porém, combina cada nova imagem com a precedente, e o «ballet» é criado pela relação de cada posição ou movimento, com os que o precederam e o seguem».

Reduzida a expressão mais simples, a característica dominante do bailado é que as pessoas dançam, e a característica saliente do filme é que a cena tôda se move. É óbvio que tôda tentativa de combinar as duas artes envolve o problema de unir dois tipos diferentes de movimento rítmico. Serão necessárias umas tantas concessões, e pode ser que o coreógrafo ou o diretor, ou ambos, tenham de abandonar algumas de suas idéias mais caras. A única solução satis-



Tamara Toumanova e Leonide Massine, no célebre filme «Capricho espanhol», apresentado em «A dança através dos povos» e «A dança e a imagem», os festivais mundiais providos pelo Brasil.

fatória é uma colaboração cerrada e completa entre os dois homens, cada qual preparado a fazer concessões ao outro. O coreógrafo deve lembrar-se não apenas que a câmara pode mover-se ao redor e com os dançarinos, mas também que ainda outra dimensão cinemática é introduzida na preparação final do filme, em seqüências que mantêm entre si uma relação rítmica. O diretor deve lembrar-se que a estrutura coreográfica está ligada a uma estrutura musical, e que o seu corte não deve violar tal relação. Não há razão para que um «ballet», baseado em tema adequado, não seja feito sôbre essas linhas, com coreografia especialmente adaptada ao cinema. Também se podem realizar alguns efeitos interessantes e úteis por fotografia e montagem artificiosa, parcimoniosamente usadas.

Em seu artigo, Asquith descreve interessantemente a filmagem das seqüências de «ballet» em seu filme «Dance, Pretty Lady», com coreografia de Frederick Ashton, que pareceria ter preenchido a maioria dêsses requisitos. Mas, alguém poderia pensar que êle esqueceu a sua experiência precedente quando fêz «Amor nas Sombras» (Fanny by Gaslight), em que a curta seqüência de bailado foi tratada de maneira muito vulgar, além de ser de estilo totalmente anacrônico. Nem a recente refilmagem da história de Compton Mackenzie, «Carnaval» (Carnival), demonstrava algo da originalidade que caracterizava a versão de Asquith. Por outro lado, «Champagne Charlie», de Cavalcânti (1944), apresentou «ballet» de teatro em tratamento mais bem sucedido. Com coreografia de Chartotte Bidmead, aquelas encantadoras imitações do «ballet» de «music-hall» vitoriano foram lindamente fotografadas, com delicada sensibilidade para com a atmosfera dos teatros da época, alumiados a gás.

A atitude de Hollywood em relação ao «ballet», no sentido pior, é retratada em «O espectro da rosa» (Specter of the rose), de Ben Hecht (1946). Não sòmente cometeu tôdas as faltas usualmente perpetradas ao filmar bailádos e mais algumas de sua própria lavra, mas também tratou de modo confuso e fantástico a vida dos bastidores. Seu ponto alto era atingido numa cena em que Judith Anderson, fazendo o papel de uma bailarina inglêsa aposentada, de nome «La Sylph», lecionava a uma classe. Alguns dos dançarinos estavam na barre, outros praticavam «pirouettes» a um canto: de vez em quanto, miss Anderson levantava os olhos do tricô, batia palmas, irritada, e ordenava um passo «Petits battements», adiante e atrás, disse de uma feita, que êles não realizavam.

Por outro lado, «La Mort du Cygne», de Jean Benoit-Lévy e Marie Epstein (1938), teve bom êxito ao retratar acuradamente certos aspectos de uma vida de bailarina. Podemos desculpar a coreografia de Serge Lifar, típicas do estilo tradicional da Ópera de Paris. Como espelho da existência de uma jovem estudante de bailado, o recente filme inglês «The Little Ballerina» foi muito menos satisfatório. Os dois bailados nêle incluídos eram despidos de maior interêsse cinemático ou coreográfico. «Steps of the Ballet» (Muir Mathieson, 1948), apresentado, com grande sucesso, em «A Dança Através dos Povos», não tenta ser mais do que um filme diretamente instrutivo, mas só demasiado curto para abranger seu tema com suficiente minúcia. A breve seqüência em que Elaine Fifield e Michael Boulton demonstram os passos básicos é, entretanto, excelente. O «ballet» de Andrée Howard, «climax» da película, está muito bem fotografado, mas a coreografia é demasiado agitada e sobrecarregada de pormenores. O melhor número de dança do filme é desperdiçada atrás dos títulos iniciais. Êsse era o caso em que se justificaria o uso de um «ballet» bem conhecido. O filme poderia demonstrar um passo, tal como o «grand jeté», na classe e, depois, como se usa digamos em «O cisne negro», dando-se-lhes significação expressiva pela variedade de acento, combinação com outros passos e assim por diante.

Salvo para fins didáticos ou para registrar um bailado (na falta de um método satisfatório de estenocoreografia), parecia óbvio que não se pode fazer um bom filme de um «ballet» que tenha sido criado para o teatro. Porém, êste princípio é quase invariàvelmente ignorado. Isto se evidencia com os feitos por Jean Negulesco, em 1941, do «ballet» de Massine; do repertório dos «Ballets Russes de Monte Carlo», «Gaieté Parisienne» e «Capricho Espanhol». No primeiro, a dança só se vê em geral de sob as mesas ou refletidas por um espelho convexo, o corte não dá atenção à lógica da coreografia de Massine, prestidigitando caprichosamente com «close-ups», «medium-shots» e «long-shots», que ora nos mostram uma perna, ora um vulto, ora uma face, ora um grupo. Mas como frisou John Martin, a música nunca é tratada da mesma forma em filmes como êste: «... de forma bastante singular, deixam-na seguir em plena frase e seqüência». (Dance Index, maio de 1945). As expressões faciais de Massine, que pretendem atingir o fundo da galeria, são, nisto, admiràvelmente bem sucedidas: surgem na tela como caretas inexpressivas e hediondas, justamente com o «close-up», num ponto decisivo da história do filme, tornou obsoleta a técnica da mímica, que já fôra usada em filme silencioso.

Êstes dois filmes também suscitaram a importante questão do tipo de cenário apropriado ao «ballet» no cinema. Cenário e vestuário são com razão considerados parte integrante de qualquer bailado. Na tela, entretanto, os bailarinos são geralmente forçados a dançar em ambiente realìsticamente construído que lhes tolhe os movimentos, e, em geral, numa superfície (aparentemente) de vidro prêto polido. Deve ser possível desenhar um cenário que permaneça dentro das convenções irreais do «ballet», dando aos bailarinos bastante espaço, sem deixar de ser adequado à filmagem. Ninguém até o presente conseguiu fazê-lo, de maneira completa.

(Continua no próximo número)



«A morte do cisne», um clássico antológico do «ballet» não foi visto pelo grande público mas ficou conhecido dos inscritos em «A dança através dos povos». Em «Festival Ballet», reaparecerão Mia Slavenska e Janine Charrat em novos bailados.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL M. G. M.

2 — "RAINHA DO MAR"

Uma película que traz de volta a nadadora Esther Williams, e com ela uma variada exibição de «maillots» e muitos litros de água! Apresentando mirabolescos e comerciais «shows», pretende o filme mostrar algo jamais visto em matéria de cenário para «ballets» aquáticos. Até mesmo uma piscina rodeada de fogo e fumaça aparece nesta aquática realização. Esther Williams vive, no filme, Anette Kellerman e como película biográfica pouco mostra do que tenha realmente acontecido. Ao contrário apenas repisa velhas fórmulas, trocando o cenário em que deve decorrer a narrativa. Assim, uma jovem que na infância estava impossibilitada de andar, com fôrça de vontade e a amizade paterna, consegue não só andar mas tornar-se uma das grandes nadadoras do mundo. Uma pitada de humorismo de acôrdo com a adocicada e superficial película, um pouco de romance entre Esther e Victor Mature, com o terceiro homem (David Brian), que é o empresário de Esther Williams e assim por diante. «Million Dollar Mermaid», realização de Le Roy, apresentando ainda, entre os atores, Walter Pidgeon, que recentemente estêve no Brasil; constitui um espetáculo tolerável, apenas para os apreciadores do gênero aquático. O que o filme tem de melhor é a curta presença da maior bailarina clássica dos Estados Unidos: Maria Tallchieff. A grande figura ficou conhecida no ano anterior, no Rio, em «A dança e a imagem» quando logrou o 2º prêmio de bailarina, interpretando «O cisne negro», com Eglevsky. Dentro de algumas semanas sairá publicada a sua biografia, na secção de «ballet» de A CENA quando, então, analisaremos com minúcias a sua participação no comercial «Rainha do mar» que estreou nos Cines Metros, durante o Festival.

FILMES EXIBIDOS NO RIO A PARTIR DE 29 DE MARÇO

3 — "LUA PRATEADA"

Menos ambicioso e muito superior a «Paris em abril», «Lua prateada» constitui um musical despretencioso e agradável, cujo enrêdo dá margem a apresentação de algumas bonitas canções, interpretadas pela sempre excelente Doris Day. A história resume-se em Miss Day querendo desposar Gordon Mac Rae e êle recuando. Contudo, quando êste resolve, já é ela quem hesita. O seu romance serve de pretexto a muitos duetos vocais, enquanto o impossível caçula da família entra como elemento cômico. Leon Ames, o pai, e Rosemary De Camp, a mãe, apreciam a brincadeira de fora. Maria Palmer, como uma atriz francesa, traz confusão para o seio familiar, enquanto um professor de piano tenta atrapalhar o romance de Doris Day e Gordon MacRae. A criada dá apartes. Um peru e um cachorro completam o elenco. A comicidade das situações foi inteligentemente explorada, as canções são agradáveis, o elenco se conduz com justeza, do que resulta um bom espetáculo no gênero. David Butler dirige com habilidade o filme, que constitui uma agradável receita para quem deseja passar duas horas distraídas, na simpática companhia da inimitável Doris Day. Título original: «By the light of the silvery moon», produção Warner Brothers, exibida na linha do Vitória.

1 ½ .— "O CRAQUE"

Película nacional da Multifilmes («Destino em apuros», «Chamas no cafèzal»), é construída segundo o próprio título indica, sob uma história que gira em tôrno de futebol. Sem procurar fixar alguma coisa de típico nacional, algo da vida da nossa gente, a narrativa é baseada em esquemático e comum roteiro. Dois jovens que se amam, pertencem a meios diferentes e encontram logo os primeiros obstáculos para o seu romance. O jovem adora futebol. É um verdadeiro craque, mas sofre de certa psicose que o impede de jogar bem quando se encontra diante do adversário. Até mesmo o final não traz nada de novo, nem como solução, nem como exposição cinematográfica. O clímax é o jôgo entre corintianos e paraguaios, que necessitava de muito mais intensidade. O ritmo irregular é fruto de deficiente cenarização. José Carlos Burle dirige «O craque», com Ruy Santos em boa fotografia e Guerra Peixe bem identificado com as imagens, que toma para si as responsabilidades de criar o fundo musical. Carlos Alberto é o ator a espera de oportunidade. José Carlos Burle demonstra espontaneidade. Os demais atores, esforçados. «O craque», da Multifilmes, estreou no cinema Palácio.

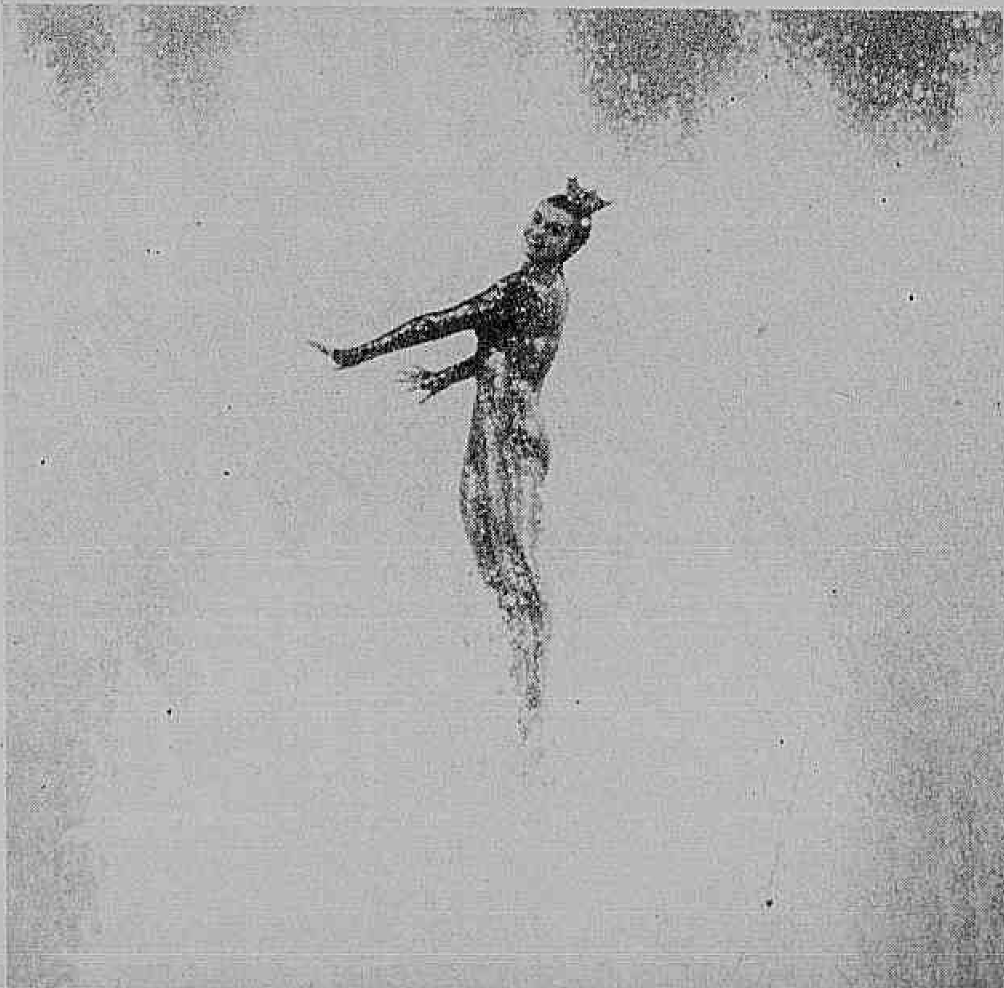
½ — "A VÊNUS DE BAGDÁ"

Tendo por «astro» principal Paul Henreid, cuja carreira a esta altura vai de mal a pior, êsse filmezinho pode ser definido em uma palavra — horrível. O espectador que entra no cinema para assistir um negócio

«Vênus de Bagdá», da Columbia, com Paul Henreid.



«Rainha do mar», da Metro, com Esther Williams.





«Prisioneiros da Mongólia», da Fox, com Richard Widmark.

dêsse nível, por muito pouco exigente que seja, está sendo lesado. A história de «A Vênus de Bagdá» não é mais que uma sucessão de «chavões», interpretado por um elenco de perfeitos «canastrões», e dirigida com amadorismo por Richard Quine, um ex-mau ator. Os cenários do filme, como a música de fundo, qualquer freqüentador de cinema por certo se lembrará, tudo aproveitado de uma outra péssima película da Columbia — «Aladim e a princesa de Bagdá». A imbecilidade dos diálogos é alarmante: os letreiros os traduzem à altura. O mau gôsto campeia da primeira à última cena. Paul Henreid limita-se a recostar-se num divã, enquanto vai sendo beijado por todo o elenco feminino da película. Nos instantes de ação é substituído por um «stand in», por sinal, completamente diferente do ator. Patricia Medina continua sendo um elemento inaproveitável. Os demais são coristas desnudas, ou «canastrões» fantasiados de árabes. Título original: «Siren of Bagdad», da Columbia, apresentada na linha do Pathé.

2 1/2 — "PRISIONEIROS DA MONGÓLIA"

É uma película de guerra, da última guerra, e é um episódio da luta entre americanos e japonêses, passando a ação entre um grupo de «yankees» que nas regiões de Gobi fogem disfarçadas em mongóis. É desnecessário dizer que conseguem vencer todos os obstáculos que encontram pela frente, seguindo as fórmulas usuais para estas situações tìpicamente cinematográficas. Há a parte feminina, que não poderia deixar de existir, para maiores complicações. A direção é de Robert Wise, que jamais conseguiu realizar uma película do quilate de «Punhos de campeão». A aventura é «tecnicolorida» e Richard Widmark, sempre correto, cria um tipo de acôrdo com o seu feitio. «Prisioneiros da Mongólia», da 20th Century Fox, estreou no São Luís.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

FILMES EXIBIDOS ENTRE 22 E 28 DE MARÇO

3 — **«PARIAS DO VÍCIO»** — Versão de uma novela da literatura norte-americana. Esta foi quase totalmente modificada, segundo se sabe, mas não podemos analisá-la por êsse prisma pois não conhecemos o original. É uma fita de tensão, expectativa e atmosfera de angústia. No início, com uma rua do «far-west» deserta, e ruídos do «saloon» (música) temos bom cinema. Nas seqüências finais observam-se apreciáveis momentos. O diretor Joseph M. Newman teve uma boa oportunidade que aproveitou bem. O ator Cameron Mitchell, que se vinha salientando ùltimamente (em «Saltimbancos», como o namorado de Terry Moore, de quem Frederick March desconfiava), está excelente na pele de «Rike», o pistoleiro, bem secundado por Anne Baxter, Miriam Hopkins e Lilly Lynn. Auxiliando bastante, estão a música de Friedhofer e a fotografia de Joseph La Shelle. Filme já exibido no Rio, no ano anterior.

SÍNTESE GERAL DOS INÉDITOS (COTAÇÕES PRÉVIAS) E OUTROS, JÁ LANÇADOS NO RIO

4 — **«CARROSSEL DE ESPERANÇA» («Jour de fetê»)** — Produção francesa, dirigida e interpretada por Jacques Tati, com Guy Declombe e outros. (No Oásis).

2 — **«NA SENDA DO CRIME»** — Produção nacional, da Vera Cruz. Direção de Flaminio Bollini Cerri, com Miro Cerni e Cleide Yaconis. (No Ipiranga). Crítica nas pré-estréias do Festival, publicada, aliás, no corrente número.

2 — **«O INFERNO Nº 17» («Stalag 17»)** — Paramount, direção de Billy Wilder, com William Holden, Don Taylor e Otto Preminger. (No Art Palácio, em tela panorâmica). Já foi criticado nas pré-estréias do Festival.

1 1/2 — **«ULTRAJE AO AMOR» («Tempesta d'anime»)** — Direção de Giacomo Gentilomo, com Vera Carmi e Roldano Lupi. Apresentação Cadef, no Cine Jussara.

«ENCRUZILHADA» («Il bivio») — Art, com Raf Valone e Claudine Depuis. Direção de Fernando Checcio. (No Marrocos).

OUTRAS APRESENTAÇÕES

2 1/2 — **«LAGRIMAS AMARGAS» («The Star»)** — Fox, com Bette Davis e Sterling Hayden. Direção de Stuart Heisler. (No Marabá). Já criticado em A CENA.

«O CAVALEIRO MISTERIOSO» («Il cavalieri misterioso») — Art, direção de Ricardo Fradda, com Vittorio Gassman e Ivonne Sanson. (No Ópera).

«O GRITO DE SANGUE» («Thunderbirds») — Republic, com John Dereck e Mona Freeman. Direção de John H. Auer. (No Bandeirantes).

«A INDISCRETA» («Washington Story») — Metro, com Van Johnson e Patricia Neal. Direção de Robert Pirosh. (No circuito suplementar do Metro).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«OS FILHOS DE NINGUÉM» — (10ª semana).
«JÚLIO CÉSAR» — (2ª semana).
«ÚLTIMA CHANCE» — (2ª semana).

OSWALDO DE OLIVEIRA

REVERENCIANDO DULCINA



Uma reportagem em tôrno de Dulcina de Moraes é conjugar páginas brilhantes tanto do passado quanto do presente do teatro brasileiro. Vejamos a sua brilhante trajetória.

Estreou no Teatro São José, na companhia de seus pais, com poucos dias de vida. À medida que ia crescendo consolidava sua posição dentro da Companhia Conchita Átila. Com o decorrer dos anos, progrediu tanto que tornou-se «estrêla» da Companhia de Leopoldo Fróis no Teatro Carlos Gomes. Desempenhou entre muitas outras as seguintes peças: «Lua Cheia», «Mártir do Calvário», «Musa do Tango», etc. Com Leopoldo Fróis excursionou à Argentina, obtendo grande êxito em Buenos Aires, e sendo cognominada «La chica del Fróis».

De regresso ao Brasil, trabalhou com Mesquitinha no extinto Teatro Trianon, em «Escândalo na Broadway» e com Jaime Costa na Companhia Brasileira de Comédia em «Os milhões do pirata», no Teatro Boa Vista. Casando-se com Odilon de Azevedo, formou sua companhia própria, já então como «estrêla» e diretora. Excursionou de norte a sul do Brasil representando peças como «A Marquesa de Santos», «Sinhá Moça Chorou» «Felicidade», «Ela e Eu», «Teu Sorriso», «Uma mulher do outro mundo» (Espírito Travêsso), «Os homens preferem as viúvas», «Hipocampo» (O último marido fiel sôbre a terra), «Amor», «A comédia do coração», «A canção da felicidade», «Alegria de amar», «Um tostãozinho de felicidade», «Sem rumo», «Nada», «Conflito» e «Pigmalião» entre muitas outras.

Fêz uma breve inclusão no cinema para estrelar «Vinte e quatro horas de sonho», na Cinédia, ao lado de Odilon, que anteriormente já havia aparecido sòzinho em «Veneno branco». Embora o seu trabalho e esfôrço, o filme não correspondeu.

Resolveu então, mudar de gênero dedicando-se exclusivamente, ao teatro sério (Novembro de 1944), quando então montou no Teatro Municipal do Rio, «César e Cleopatra», «Santa Joana», «Bodas de sangue», «Anfitrião 38», «Deslumbramento», «Convite à vida», «Rainha Vitória», e «Chuva». Pouco mais tarde, viria ocupar a temporada inteira no Teatro Santana, na capital paulista.

De volta de mais uma excursão pelo Brasil afora, re-inaugurou o Teatro Regina, do Rio, que havia sido destruído num incêndio, com «Avatar» (Uma estranha aventura). Neste teatro representou também «Ana Cristie», «A filha de Iorio», «Já é manhã no mar», «Águia de duas cabeças», «Dona do Mundo», e «Irene», algumas das quais foram montadas no Teatro Municipal. Antes, porém, realizou, talvez, o maior empreendimento de sua carreira estrelando e dirigindo «Chuva» em espanhol no Teatro Astral, de Buenos Aires, à frente de uma companhia argentina, durante cinco meses. Com esta mesma companhia representou também em Montevidéu. Ao mesmo tempo seu então marido Odilon, representava, em outra cidade portenha, Rosário, a mesma peça, com outra companhia. Em Montevidéu os dois voltaram a trabalhar juntos à frente da companhia que trabalhara em Buenos Aires com Dulcina. (Janeiro a Junho de 1947).

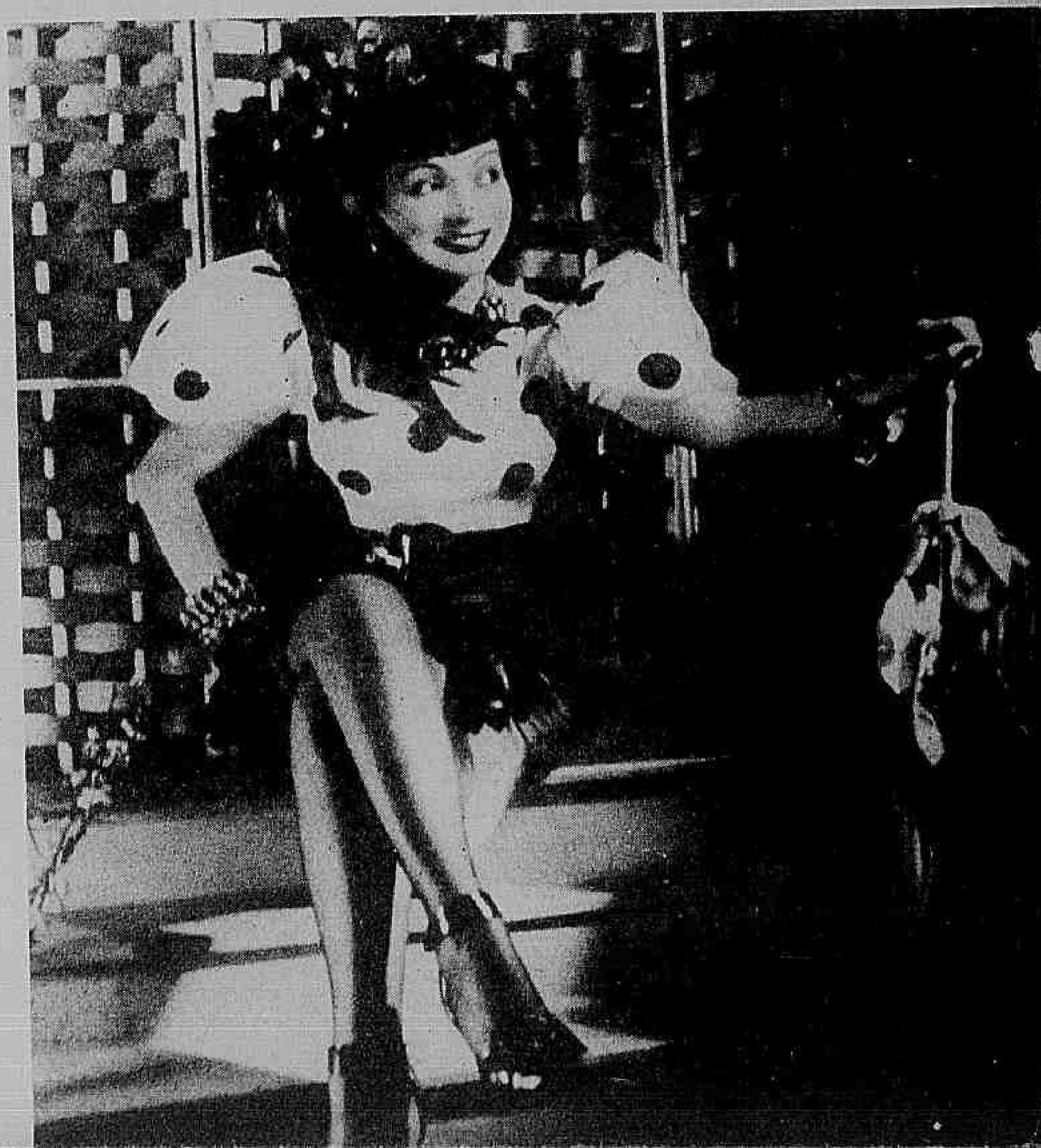
No ano seguinte após o êxito de «Mulheres», peça escrita, traduzida, dirigida, montada e interpretada exclusivamente por mulheres, Dulcina voltou a Buenos Aires para de novo representar em espanhol, «O sorriso de Gioconda», outro de seus sucessos em palcos brasileiros. Nesta época deveria protagonisar o filme argentino «Passaporte para o Rio», com Arturo de Cordova, o que infelizmente não aconteceu, devido ao excesso de trabalho no palco, cabendo o papel a Mirtha Legrand.

De volta ao Brasil, seguiu em excursão para Portugal. Em Lisboa e no Pôrto soube honrar, mais uma vez, o teatro brasileiro, representando peças nacionais, com excessão de «Chuva» de W. Somerset Maugham. O público destas duas cidades teve oportunidade de aplaudí-la em «Irene», «Dòna do mundo», «Avatar», «Convite à vida», «Sem rumo», etc.

Dulcina sempre se cercou de bons atores, conforme seu saudoso pai, Átila Moraes, Conchita Moraes, Odilon de Azevedo, Edite Moraes, Manole Durães, Sara Nobre, Jardel Jercolis Filho, Mara Rubia, Graça Melo, Susana Negri, Luiz Tito, Abigail Maia, Manoel Pera, Aimée (sua «descoberta»), Ribeiro Fortes, Luisa Barreto Leite, Jorge Diniz, Zezé Fonseca, etc. Ao lado dêsses elementos, brilhou em diversas temporadas com o «Bar do crepúsculo», «Nossa querida Gilda», «O sorriso de Gioconda», «As árvores morrem de pé», «Anita Garibaldi» (apenas como diretora) e «As solteironas dos chapéus verdes».

Depois de um período de descanso, aliás de todo merecido,

(Continua na pág. 34)



Dulcina teve uma grande criação ao fixar a Sadie Thompson de «Chuva». Êste mesmo papel vem de ser desempenhado por Rita Hayworth na tela. Joan Crawford e Glória Swanson, em outras épocas, já representaram a mesma personagem

DE TODO O MUNDO

OS PRÊMIOS DA ACADEMIA

A Academia de Hollywood conferiu os prêmios oficiais, relativos à temporada de 1953. Foram os seguintes os distinguidos com o célebre "Oscar".

MELHOR ATRIZ — Audrey Hepburn, pelo seu desempenho em "A princesa e o plebeu". A CENA, em seu número passado, antecipou aos seus leitores a crítica dêste filme e, inclusive, fêz as maiores referências à linda e excêpcionalmente talentosa Audrey Hepburn..

MELHOR ATOR — William Holden, pela sua atuação em "Inferno 17". Através da sua seção de Pré-Estréias, no tocante aos 80 lançamentos do Festival de S. Paulo, êste filme já foi também analisado nesta revista.

MELHOR FILME — "A Um Passo da Eternidade", da Columbia. Baseado em um romance de James Jones a película foi também eleita pelos críticos de Nova York e pela "National Board of Review", em unânimidade jamais obtida por qualquer outra película. Produção de Stanley Kramer, dirigida por Fred Zinnemann.

MELHORES COADJUVANTES — Frank Sinatra, e Donna Reed, pelos seus desempenhos em "A um passo da eternidade". A habitual ingênua, Donna Reed vive uma decaída e o comumente humorista Frank Sinatra, interpreta forte papel dramático! Surprêsas do destino.

DOCUMENTÁRIOS E DESENHOS — Walt Disney conquistou todos os prêmios, em número de quatro, nestes dois setores. Os filmes foram "Bear Country", "The Living Desert", "O esquimó do Alaska" e "Toot, Whistle and Boom".

INVENTORES E PRODUTORES — Fred Waller, por ter imaginado o cinerama, ganhou o laurel máximo do setor e Darry Zanuck, o produtor que introduziu um outro invento, o do francês Cretien, recebeu um outro troféu pela aplicação da descoberta.



Audrey Hepburn: 1º prêmio de atriz — «A princesa e o plebeu»



Cena do filme que ganhou o «Oscar»: «A um passo da eternidade», com Burt Lancaster e Donna Reed



William Holden: 1º prêmio de ator — «Inferno nº 17»

Serviços especiais para "A CENA" coordenados por L. BOLTSHALSER

ESPANHA

Orson Welles encontra-se presentemente em Madrí, onde encarnará o principal papel de "Monsieur Arkadin", película a ser também por êle dirigida. Monsieur Arkadin é um "gangster" que se regenera por amor à sua filha, e que tudo faz para que ela ignore seu passado. Orson espera que o filme obtenha o mesmo sucesso de "O terceiro homem".

EGITO

Novamente o cinema egípcio lança-se na competição pelos mercados internacionais, desta feita com o filme "O inferno do ciúme", dirigido por C. Y. Kostanoff e interpretado por Amira Amir e Zachret El Ola. A película, que será provavelmente exibida no Brasil, conta a sombria história de uma dansarina, um engenheiro, um milionário e muitos tiros de revólver.

GRÉCIA

Também a Grécia procura impor seu cinema, e enviará possìvelmente a Cannes a película considerada a mais representativa de 1953. Trata-se de "Natal sangrento", um drama brutal sôbre a segunda guerra mundial. Os intérpretes são Nicos Hadjiskos e Elli Lambeti. Enquanto isto, os estúdios preparam também comédias, entre as quais "Ena votsalo sti limni" (Uma pedra no lago), um musical com Basile Loghothetidis, e "Senhorita, idade 39 anos".

HOLLYWOOD

Michael Curtiz, o diretor de "O egípcio" está desesperado. É que, no dia do início das filmagens, o ator principal Marlon Brando desapareceu completamente. Procuraram-no em casa; não estava. Interrogaram os amigos; ninguém sabia dêle. Também não foi visto nos bares que costuma frequentar. Os dectetives do estúdio não conseguiram localizar o temperamental "astro". Diz-se porém que o cenário de "O egípcio" desagradou a Marlon Brando; o ator leu-o, meditou-o e resolveu desaparecer. Guardou em sua valise seu pijama e sua escôva de dentes, e tomou rumo ignorado. No estúdio, um homem foi colocado de plantão junto ao telefone, especialmente aguardando um possível telefonema de Brando. Mas até agora, o Marco Antônio não deu sinal de vida.

LONDRES

Numa festa de caridade, que teve lugar em um elegante restaurante londrino, houve a mais original das loterias que se possa imaginar: a "Loteria do Amor" (Love Lottery). Num palco, frente ao público, alinhavam-se dez "astros" e "dez estrêlas" do cinema britânico. Em seguida, êsses astros eram sorteados e aos vencedores cabia a felicidade de passar alguns momentos em companhia de sua "vedette" preferida. O prêmio dava direito a assistir a uma "première" com o "astro", e depois jantar e dançar em sua companhia. A parte mais interessante da brincadeira foi observar a ansiedade com que os "prêmios" olhavam o público, procurando advinhar quais seriam os felizes vencedores. Anthony Steel, o ídolo da juventude inglêsa foi "ganho" por Mrs. Norah Murray, que o tomou pelo braço e lhe disse! "Boa noite, Tony. Você tem senso de humor?". O ator confirmou, com a cabeça. "Então nós vamos nos divertir muito". Dito isto, tomou-o pelo braço, e partiu com êle...



Donna Reed, melhor coadjuvante, em «A um passo da eternidade»

Frank Sinatra, prêmio do melhor coadjuvante, em «A um passo da eternidade».



Rádio

Edel Ney

MANUEL MACEDO EM NOVO SUCESSO

Manuel Macedo, o célebre acordeonista potiguar, que se projetou nacionalmente com o seu recente êxito «Recordando o Líbano», já tem na praça seu novo sucesso. Desta vez, em expressiva homenagem às suas plagas, Manuel Macedo gravou, com seu acordeon, uma «Exaltação ao baião», que, ao que tudo indica, está fadado a alcançar grande repercussão. Manuel Macedo tem se exibido pelo norte e diversas cidades do interior, já que, no momento, nenhum contrato o prende a qualquer de nossas Emissoras. Até há pouco, Macedo emprestou o seu concurso à Nacional. As suas saudades do microfone, entretanto, são grandes e, a qualquer momento, Manoel Macedo deverá estrear numa de nossas mais populares Emissoras, possìvelmente a Mayrink Veiga, com a qual está em entendimentos. Fala-se, também, com insistência, na sua próxima transferência do «cast» da Sinter para a Odeon, onde já o espera vantajoso contrato.

Realizou-se, no dia 16 de março, a seleção definitiva dos «Melhores do rádio», de 1953. Essa seleção teve lugar na A.B.R. e, como foi amplamente divulgado, foi procedida por uma comissão julgadora especialmente convidada pela «Revista do Rádio», promotora dêsse concurso. Todos os anos. Integraram a comissão todos os comentaristas radiofônicos e mais colunistas sociais, de discos, e diretores de jornais e revistas.

Sobretudo três dos escolhidos pela comissão (e que não foram os vencedores, segundo a votação popular) deram um resultado mais justo ao «Concurso dos Melhores de 1953», o mais bem realizado até hoje. As três escolhas a que nos referimos são, respectivamente, a de «Melhor cantora», (vitória justíssima de Ângela Maria sôbre Emilinha Borba), a de «Melhor humorista» (vitória também certa de Zé Trindade sôbre Brandão Filho) e, finalmente, a do «Melhor locutor», (Luís Jatobá ao invés de Reinaldo Costa).

Muito justa, também, a vitória de Haroldo Barbosa, embora o maior êrro aqui, a nosso ver, resida na classificação, ou melhor, falha de classificação do concurso, pois deveria haver eleição para o «melhor produtor humorístico», (no caso o Haroldo, e o «sério» (no caso Paulo Roberto).

Rosara Meireles, o rouxinol de Portugal





Novos sucessos de Manuel Macedo

DISCOS—NOVIDADES

A Musidisc, que vem primando por grandes lançamentos, pôs no mercado, recentemente, o long-play "Canções de Portugal", na interpretação de Rosária Meireles, o "Rouxinol de Portugal". Rosária era uma das integrantes das Irmãs Meireles, famoso trio português que se dissolveu devido ao casamento de duas das componentes. Há pouco, decidiu voltar a cantar e está, no momento, colhendo triunfos no Chile. Seu 1.p. encerra as seguintes músicas; "Uma casa portuguêsa", de A. V. Fonseca, R. Ferreira e V. M. Sequeira; "Cantiga da rua", de João Bastos e Antônio Melo; "Não vás ao mar, Tonho", de Frederico Freitas e José Galhardo; "Um grande amor", de Milita Meireles e Fernanda de Castro (face A) "Que Deus me perdoe", de F. Valério e S. Tavares; "Coimbra", de Raul Ferrão e José Galhardo; "Laurentinas", de José Belo Marques e, finalmente, "Cantares da beira", recolhidos e harmonizados por Jaime Lopes Dias. Bonito disco, está tendo ótima aceitação.

★

Mais uma nova fábrica no mercado, por êsses dias. A etiquêta terá o nome de Pérola e a direção artística está entregue ao conhecido compositor Bartholomeu Silva, um dos nossos homens que entende de música popular. Bartholomeu já começou a gravar seus discos que serão de sete polegadas, coloridos, inquebráveis e de rotação comum, durante o tempo dos discos de 10 polegadas. Já contratou diversos artistas e, um dos primeiros foi o Alberto Miranda, das Associadas. Êle já gravou o disco de estréia, com os seguintes números: "Quando você partir" samba-canção de Jorge Valadão e Antonio Cruz, "Feitiço", também samba-canção de Morfeu e Osvaldo Rosa. Auguramos êxito à nova gravadora.

★

"A gatinha parda" e "A bela pastôra" são dois interessantes números que formam novo disco Carroussel prestes a sair. Há mais treze discos recém-gravados que deverão estar na praça, a qualquer momento. Paulo Tapajós, diretor artístico, que estava de férias, já regressou e iniciará, dentro em breve, novas gravações de cantigas e histórias, para os discos infantis que conquistaram o Brasil.

(Continua na pág. 34)

AS COTAÇÕES DOS LEITORES

AOS PREZADOS LEITORES SOLICITAMOS ANEXAR NO QUADRO PUBLICADO NA PÁGINA 5 AS RESPOSTAS SÔBRE DUAS SEÇÕES QUE, POR UM LAPSO, DEIXARAM DE SER INCLUIDAS NO MESMO: «OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE" (Página 11 a 14) E «CINE-RESPOSTAS» (NESTA PÁGINA)

CINE-RESPOSTAS

ESTA SEÇÃO É PUBLICADA UMA OU DUAS VÊZES POR MÊS. TÔDA A CORRESPONDÊNCIA DEVERÁ SER ENDEREÇADA A ROVLAND, CINE-RESPOSTAS, «A CENA MUDA», RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

ANTÔNIO SANTOS (UBERLANDIA) — As suas seis expontâneas e sinceras laudas foram classificadas pelo destinatário como "uma das raras e valiosas emoções a que o cronista é dado sentir as quais têm, ainda, o poder de compensar muitos dos esforços de uma carreira". Também, respondendo, a pedido do mesmo as suas justas considerações: A) O "Festival Ballet", para sua sorte, ainda não tem data marcada. Embora grande parte dos filmes já esteja no Rio faltam certas minúcias para a sua total divulgção. O 1º Festival Mundial teve a sua estréia adiada por várias vêzes mas, com o segundo "A dança e a imagem" realizou-se, exatamente, na data anunciada. Convém, é claro, que o 3º ("Festival Ballet") mantenha a pontualidade do segundo. Pelo menos isto foi o que informou o organizador geral e destinatário da sua missiva. O fato de ter sido citado, de maneira vaga, o mês não equivale a proclamar a sua futura inauguração mesmo porque, nem sequer, pelas razões citadas acima foi divulgado pela imprensa carioca; B) Êle está pronto a serví-lo, no que desejar, a fim de auxiliá-lo na carreira pedindo, no entretanto, que envie maiores esclarecimentos sôbre as suas pretensões, aqui no Rio. Escreva, portanto, informando se tem estudo prático sôbre o assunto, etc; C) As sugestões gerais sôbre a divulgação de biografias, etc. vão ser atendidas durante a realização do "Festival Ballet". Os mais efusivos agradecimentos e todos pelas homenagens que enviou.

INSTITUTO REZENDE RAMMEL (RIO) — Com todo o prazer o seu pedido vai ser atendido. Foi transmitido ao redator encarregado e, possivelmente na A CENA número 16, a próxima, sairá nas páginas do "Cinema Brasileiro". Para outros noticiários, será conveniente enviar notas exclusivas para esta revista e com maiores informações.

ADOLFO DE ALMEIDA (ANGOLA, MOSSAMEDES, ÁFRICA DO SUL) — Os pedidos dos leitores são, de maneira geral, sempre que possível, atendidos. Agora, vindo da África do Sul, com as atenções que enviou, ainda mais, é claro. As cartas vão ser pessoalmente entregues aos destinatários. Se se tornar viável, vamos até ilustrar a entrega, com fotografias provando, assim, que A CENA já tem leitores até em Mossamedes, na África do Sul.

SOCIEDADE BENEFICIENTE OBREIROS DO BEM (ARARAQUARA) — Alguns dos seus pedidos exige um trabalho de pesquisa pois alguns dos informes sòmente serão possíveis de obter nos arquivos das agências. Por ora, podemos informar o seguinte: a) o título original de "A dupla do outro mundo" é "Tooper" e foi produzido pela Metro, em 1937. Os direitos do tema passaram para a United que, em 1939, filmou a continuação, com o título de origem de "Tooper Takes a Trip". "Tooper" tem sido "reprisado" várias vêzes e a sua distribuição, no Brasil, não mais pertence nem a Metro nem a United. Os outros dados que necessita sôbre "Tooper" e "Três almas solitárias" serão em breve respondidos. Quanto a "Três almas solitárias" será necessário que informe, pelo menos, a agência produtora ou distribuidora. Tratando-se do fim que é, filantrópico, estamos dispostos a colaborar.

PAULO GOMES (JUIZ DE FORA) — Impossível informar os endereços particulares. Deborah Keer está contratada pela Metro e poderá escrever para Washington Boulevar, Culver City, Califórnia. Charles Boyer é "free-lancer". Entretanto, tendo os seus últimos filmes sido distribuidos pela United e sendo amigo de Barry Buchanan, diretor de Relações Públicas da United, poderá escrever aos cuidados do mesmo no seguinte endereço: 1.040 North Las Palmas, United Artists Director of Public Relations, Hollywood 38, Califórnia. Grato pela atenção.

PALMIRO DE OLIVEIRA (JUIZ DE FORA) — Não tem que agradecer. A homenagem ao seu filho foi muito justa e nós é que reverenciamos a sua gentileza.

M. CALIXTE (VITÓRIA) — Gratíssimo por tudo. A) O pedido sôbre Chaplin será atendido, na série "Os grandes vultos da tela". B) As fotos do Festival não estão autografadas: servirão assim?; C) Aproveite o caso dos holofotes pela metade e de outros semelhantes para as "Curiosidades". A idéia é boa" — O livro que indicaria, por ser muito didático é o de Leon Kulechov: "Tratado de la realizacion cinematográfica", edição em castelhano, da editorial Futuro. Quanto a outros livros, leia a resposta a Ivan Ribeiro. Continue a enviar, pois está satisfazendo e aguardo os daquela relação de uma das suas cartas. O "A.C.M.C." é, realmente, extraordinário e meus parabéns.

ANA MARIA (CLUBE CINEMIN, RECIFE) — Calorosas felicitações pela fundação do Clube Cinemin e envie notícias para publicação. Quanto aos dois pedidos de entrevistas, ai em Recife, de Margeride Cardoso e Rui Saraiva, só encontramos uma solução a fim e atendê-la. Procure em nome o Jonald que, há pouco, conheceu, em São Paulo, um distinto colega de Recife, José de Souza Alencar, do "Diário de Pernambuco" e do Jornal do Comércio" para obter os informes desejados. Depois, poderá fazer a gentileza e enviá-los pois também serão publicados no "Cinema Brasileiro". Afinal, o belíssimo Recife faz ou não parte do grande Brasil?. Grato e às ordens.



«A CENA» PUBLICARÁ OS MELHORES TRABALHOS ENVIADOS PARA ESTA PÁGINA ★ HÁ NECESSIDADE DOS TEXTOS SEREM ESCRITOS A MÁQUINA E QUE NÃO ULTRAPASSEM DE LAUDA E MEIA DE PAPEL OFÍCIO, EM ESPAÇO DOIS ★ NO FINAL DO CORRENTE ANO A ORIENTAÇÃO DA REVISTA OFERTARÁ DUAS LEMBRANÇAS AOS DOIS COLABORADORES QUE MAIS SE DESTACAREM

R E M I N I S C Ê N C I A S

A carruagem passou veloz, levantando a poeira do esquecimento. Porém, na estrada, deixou marcas que o tempo muito levará para apagá-las.

Para outro fim destinava-se o trecho acima quando notamos que serviria para encabeçar um tímido protesto, quase reparação, ao desleixo com que quase tôda a imprensa, nêste "festival quatrocentão", tratou umas velhinhas simáticas de cabelos encanecidos, e faces rugadas, que outrora paixões inspiraram. A CENA, foi a única a entrevistar, por exemplo, a Janet Gaynor. Os outros deveriam escrever ao menos uma reportagem sôbre essa estrêla que foi a primeira atriz a ser laureada pela Academia de Hollywood. Quem, de grisalhos cabelos, não se lembra de "Sétimo céu"? Irene Dunne, com tantos êxitos na bagagem, só foi lembrada também, por A CENA. "Roberta", "Esquina do pecado", "Cupido é moleque teimoso", ou o recente "O garôfo e a rainha" chegaram a ser citados?

Desde que uma moça loira, de voz deliciosa, surgiu em "Alvorada de amor", que uma verdadeira legião de "fans" não perdeu um só de seus filmes. Quando terá a Metro outro par cantante do quilate de Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy? Que foi feito de Primavera", "Rosemary", "O vagalume"? e de "O amor que não morreu" ou "S. Francisco, cidade pecado" (o melhor terremoto apresentado em cinema). Terão sido esquecidos os sucessos de tão popular "estrêla", que foi tão abandonada ao lado de seu esquecido espôso, o discreto ator Gene Raymond?

Elas passaram na carruagem do tempo, mas deixaram suas marcas, suas saudades, que ajudaram a mostrar essa estrada, plena de emoções, onde em cada curva, encontramos uma razão de nossa admiração.

ISMAR PÔRTO — (RIO)

LUÍS BONIFÁCIO (JUIZ DE FORA) — As suas crônicas são muito boas e estou certo de que alcançará fàcilmente um posto de cronista de cinema. Questão de estudo, persistência e a Deusa Sorte proteger. Quando menos esperar poderá haver uma oportunidade. Entretanto poderá ir também ao encontro da mesma, procurando uma publicação que não tenha uma coluna, etc. Grato pelas colaborações.

RENATO ARAÚJO (PATOS, PARAÍBA) — ealmente, a seção "Segredos da tela", tem agradado muito. É até uma das favoritas da "enquête" que é publicada na página seis do presente número. De passagem, peço que envie a sua opinião, via aérea e a mesma solicitação faço a todos os leitores de A CENA. Quanto ao seu pedido para a explicação em "Segrêdos" sôbre os "Homens Voadores" será atendida, possìvelmente nas CENAS números 16 ou 17. Podemos adiantar que as ilustrações serão com um filme alemão.

IVAN RIBEIRO DE SOUZA (RIO) — Gratíssimo pelas amabilidades e o mesmo fazem todos os colaboradores da revista que foram citados. As suas apreciações são excelentes e auguro as mesmas profecias e palavras dirigidas ao Luís Bonifácio, e Juiz de Fora, as quais peço ler. Quanto aos livros, um dêles poderá ser o mesmo indicado, a M. Calixte, também nesta página. Os outros seriam: "Movie Parade" do grande Roger Manvell e Paul Rotha, editado em Londres por "The Studio Publications". São apenas ilustrações, de muito valor. Sem conhecer o idioma compreenderá tudo. No mesmo caso está um excepcional livro, autêntica obra-prima no gênero, "The Film", um estudo prático do ângulo cinematográfico, a plástica em cinema, etc. Trata-se e uma obra em alemão, traduzida para o inglês, pela "The Falcon Press, London", cujo endereço é 7, Crown Passage, Pall Mall, Lon on SWI. Não existe no Brasil e é recomendado por Jonald que o "descobriu quando da sua viagem à Inglaterra. Dos fàcilmente encontrados no Rio, indicamos os de Roger Manvell: "The Film" e de "The Cinema", ambos em edição Pelican; "Argumento e "montage", de V. Pudovkin; "El sentido del cine", de Sérgio Eisentein" (castelhano). Sôbre cenografia: "La escenografia en el teatro y el cine", e Artis-Gener, também encontrável nas livrarias. São obras básicas, inclusive o já citado para o M. Calixte. Peço que remeta a resposta solicitada na página seis e peça também aos amigos e conhecidos para fazerem o mesmo. Muito grato por êste novo obséquio.

OLAVO CILIÃO (COMBE, PARANÁ) — Para ingresso no cinema brasileiro o único caminho lógico é escrever diretamente aos nossos estúdios, enviando retrato e todos os dados possíveis, inclusive sôbre profissão, atividades esportivas, grau de instrução, etc. Às vêzes, sòmente pelo "facies" pode haver uma solicitação pois, por acaso, possa ser o tipo para um papel que procurem. Enfim, a sorte influi muito.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

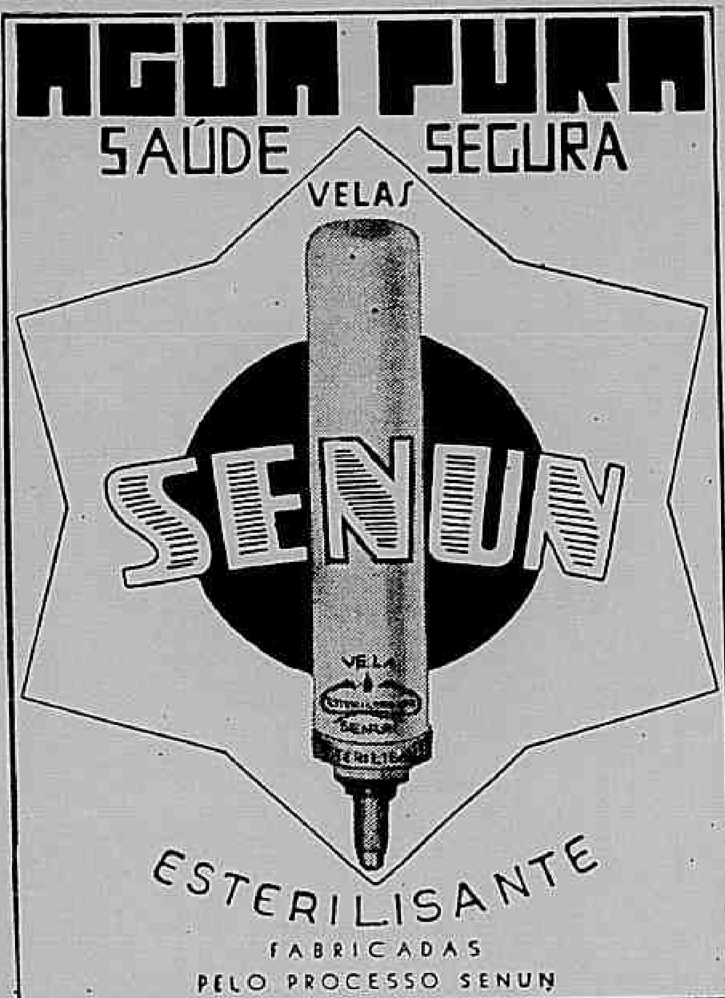
Reverenciando...

(Continuação da pág. 30)

voltou ao Rio para reabrir o Teatro Regina, agora como Teatro Dulcina que, tendo o seu nome é uma das maiores homenagens que se lhe poderia prestar. Na abertura da temporada neste teatro, prestou-se significativa homenagem às três gerações de artistas que pisavam àquele palco na peça "Vivendo em pecado": Conchita, Dulcina e Sônia, sua sobrinha que estreava no teatro. No entanto, por motivo de uma enfermidade ligeira de Sônia, teve que ser substituída por



Bibi Ferreira, com o que só teve a lucrar o público daquêle teatro, que pôde aplaudir as duas grandes artistas juntas: Dulcina e Bibi. Atualmente, representa, com intenso êxito e há vários meses, a peça "Os inocentes", no teatro que, tão justamente, tem o seu nome. (Notas de Araken Júnior).



Gregory Peck já foi...

(Continuaão da pág. 6)

pelos Estados. Em geral, era, apenas, ator substituto. Em meio dessas viagens apaixonou-se por Greta Konen. Embora não tivesse tido sucesso quando começou a representar na Broadway, assim mesmo casou-se com ela. Hoje ainda vivem felizes, com seus três filhos.

As suas duas primeiras atuações, em papéis de destaque, na Broadway, foram em peças que ficaram poucos dias em cartaz! Apesar dêste insucesso, a crítica elogiou-o. O curioso é que o teatro foi, apenas, um veículo para o cinema. Gregory ainda estava em dificuldades financeiras quando Samuel Goldwyn, assistindo a um espetáculo, contratou-o por boa soma. Assim, de uma fase instável, embora a aceitação da crítica, passou para a estabilidade que os bons contratos de Hollywood proporcionam.

Estreou em «Days of Glory», exibido no Brasil com o título de «Quando a neve tornar a cair», ao lado da grande bailarina Tamara Toumanova, logrando um enorme êxito. Daí por diante, a sua carreira é de todos conhecida: «As chaves do reino», «O vale da decisão», «Quando fala o coração», ao lado de Ingred Bergman (a atriz que, segundo suas declarações, foi a melhor de quantas contracenou), «Duelo ao sol», «The Yearling», «Maccomber Affair», etc., até o seu último êxito, em «A princesa e o plebeu», recentemente apresentado no Festival Internacional de Cinema e criticado na A CENA anterior.

Gregory é um ator que prima pela discrição. Não há dúvida de que se repete em muitos dos seus trabalhos. Entretanto, a linha sóbria que mantém é tão cinematográfica que até se esquece um pouco do seu padrão, um tanto «estandartizado». Impõe simpatia aos seus desempenhos e, através das imagens, sente-se sempre um esfôrço interpretativo. Gregory sabe o quanto lutou para vencer. O retrospecto que hoje publicamos pode servir de lição para muitos que, por qualquer impecilho, desanimam.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME......................
RUA.................. Nº. .....
CIDADE......................
ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Disco Novidades...

(Continuação da pág. 32)

Marion, Belinha Silva, Eladir Pôrto e Carmen Déa, formam o quarteto de estrêlas com que contará a Mocambo em 1954. E outras grandes surprêsas vêm aí. Por outro lado, Jonas Silva, J. Rocha, Wilson Silva, Claudionor Germano e José Luciano são alguns dos astros já contratados pela etiquêta nordestina que, êsse ano inaugurará a sua própria fábrica, lá em Recife. Assegurou-nos, a propósito, o Valter Silva, diretor artístico, que vários de nossos cronistas serão convidados.

★

Orlando Silveira e sua bandinha comparecem ao novo suplemento da Copacabana, com um disco no qual apresentam, na face A, "Ipiranga", um dobrado do próprio Orlando Silveira e, na face B, "Dengoso", baião de Altamiro Carrilho e Oscar Belandi.



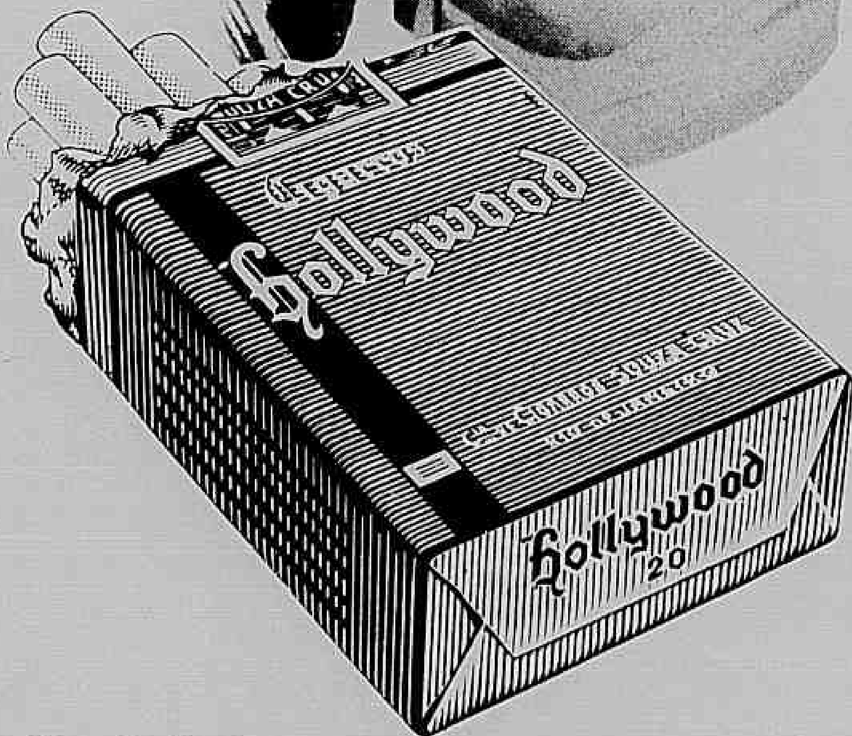


"Uma grande estrêla"...

... é aquela que, graças à sua arte e sensibilidade, sabe distinguir os caminhos para as emoções das grandes platéias. Essa mesma sensibilidade é que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.264

MARY BLANCHARD

A verdade nua e Marilyn Monroe

Grande reportagem em 4 páginas. No próximo número!

Aguardem, 5ª feira próxima:
«Três fórmulas para a fabricação de um filme»

Os livros e as imagens

Lucrécia Borgia em «Novela das Imagens»

MB